

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

KLEITON WAGNER ALVES DA SILVA NOGUEIRA

**FEIRA DA PRATA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DA
PAISAGEM**



CAMPINA GRANDE – PB

2013

KLEITON WAGNER ALVES DA SILVA NOGUEIRA

**FEIRA DA PRATA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DA
PAISAGEM**

Trabalho monográfico apresentado à Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do grau de graduando em Geografia, sob orientação da Prof^a. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira.

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N778f Nogueira, Kleiton Wagner Alves da Silva.
Feira da Prata: uma análise através da percepção da paisagem / Kleiton
Wagner Alves da Silva Nogueira. – 2013.
113 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) –
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

"Orientação: Prof^a. Dr^a. Martha Priscila Bezerra Pereira".
Referências.

1. Feira da Prata – Campina Grande-PB. 2. Geografia da Saúde.
I. Pereira, Martha Priscila Bezerra. II. Título.

CDU 908(813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: **KLEITON WAGNER ALVES DA SILVA
NOGUEIRA**

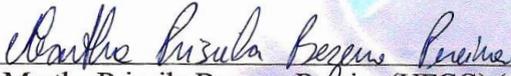
TÍTULO: **FEIRA DA PRATA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA
PERCEPÇÃO DA PAISAGEM**

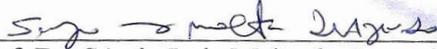
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 09 de setembro de 2013.


Prof. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG) (orientadora)


Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo (UFCG) (examinador)


Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG) (examinador)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58429-140. Bloco BC 2. Telef. da UAG: 83. 2101 - 1722

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha família pela fé e confiança demonstrada. Aos meus amigos pelo apoio incondicional. Aos meus professores pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar. À minha orientadora pela paciência e respeito demonstrado no decorrer do trabalho. Enfim, a todos que, de alguma forma, tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, na sua essência, por me proporcionar condições e colocar as pessoas certas nas horas certas para a execução deste trabalho.

Aos amigos de curso e de vida que me ajudaram no trabalho de campo: Jéssica Mota, Deborah Maria, Danilo Egito, Severino Justino, Priscila Xavier, Dennis Cláudio, Antônio Cardoso, Danielly Hayane.

Aos professores do curso de Geografia, que me proporcionaram, no decorrer de cinco anos de curso, belas aulas, lapidando o meu olhar geográfico diante da sociedade; em especial, a professora orientadora Martha Priscila, com a qual trilhei desde o início do curso uma parceria baseada no respeito e na admiração profissional, assim também com o professor Xisto Santana que sempre foi prestativo em relação a pensar forma e soluções de vencer obstáculos acadêmicos.

Gostaria de agradecer também aos senhores Jorge Molina (gerência da Agevisa), Agnaldo Ribeiro (administrador da Feira da Prata) e Ronaldo Evaristo (administrador de feiras e mercados públicos de Campina Grande), bem como às secretarias de planejamento e desenvolvimento urbano, de obras e saneamento, da cultura; à Universidade Estadual da Paraíba, especificamente à biblioteca de cordel, pela generosidade em fornecer materiais relevantes para a pesquisa.

Por fim e não menos importante, agradecer aos feirantes, moradores do entorno e consumidores da Feira da Prata, sem os quais este trabalho não seria possível de ser realizado.

Resumo

As feiras representam um importante meio de sobrevivência como também de expressão cultural para os indivíduos, sendo um espaço de “multifacetado” onde a gama de fenômenos é variada, podendo ser analisada através de diferentes perspectivas. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo estudar a modificação na paisagem da Feira da Prata, localizada em Campina Grande – PB, ocorrida em meados de 2007 a 2009 e suas consequências na qualidade de vida dos que a vivenciam. Os procedimentos usados para a viabilização do estudo, a partir de técnicas relacionadas à abordagem quali-quantitativa foram revisão bibliográfica, pesquisa em campo, aplicação de questionários, realização de entrevistas e mapas mentais. O estudo foi embasado na Geografia humanística e da saúde, tendo uma maior evidência na fenomenologia. Usando como teoria o escopo da Geografia da Saúde conceitos como: qualidade de vida, risco, prevenção, promoção, como também aportes da própria Geografia: toponímia, espaço, lugar, reestruturação, espaço vivido. Além de temas de áreas como da Psicologia: experiência, sentidos e percepção. Através da pesquisa foi possível constatar elementos estruturais que rebatem diferentemente na saúde das pessoas que vivem na Feira da Prata, tais como: cobertura, presença de animais abandonados. Além do mais, foi possível obter conhecimento acerca da centralidade que a Feira da Prata exerce no final de semana através do seu comércio.

Palavras chave: Feira da Prata; Geografia da Saúde; Campina Grande.

Abstract

Street market represents an important mean of survival as well as of cultural expression for many individuals, being a multifaceted space, where the range of phenomena is varied, which can be seen through different perspectives. Thus, the present work aims to analyze the landscape change that occurred from 2007 to 2009 in the streetmarket Feira da Prata, in Campina Grande - PB, and its consequences on the quality of life of the people who live this Marketplace. The procedures used for the study's feasibility were related to the qualitative-quantitative approach through literature review; field research, questionnaire appliance, interviews and production of mental maps. The study was based on Humanistic and Health Geography, with greater evidence on phenomenology. Using Health Geography scope as theory, there are concepts such as quality of life, risk, prevention, promotion. As well as contributions from Geography itself: landscape, topophilia, geographic space, place, lived space. And also themes from Psychology: experience, senses and perception. Through the research it was possible to observe structural elements which directly bear upon the health of the people who go through the Feira da Prata street market, such as: shelter, presence of abandoned animals, garbage accumulation. Besides, it was also possible to perceive the centrality that Feira da Prata exerts through its trade on weekends.

Keywords: Feira da Prata; Campina Grande; Health Geography.

Lista de figuras

Figura 01 : Terreno da antiga estrutura da feira da Prata. – 2005	27
Figura 02: Feira da Prata antes da requalificação estrutural 2001.....	28
Figura 03: Nova estrutura da Feira da Prata - 2012.....	29
Figura 04: Feira da Prata depois da requalificação estrutural. - 2011.....	29
Figura 05: Configuração da Feira da Prata por setores	31

Lista de Esquemas

Esquema 01: Esquema da relação dos tipos de paisagem e o ambiente.....	49
Esquema 02: Feira da Prata e seus elementos de risco, prevenção e Promoção a saúde	64
Esquema 03: Elementos destacados pela moradora Joana do antes e depois da requalificação da Feira da Prata	77
Esquema 04: representação da antiga Feira da Prata elaborada pela moradora Juliana.....	85
Esquema 05: representação da antiga feira da prata elaborada pela Consumidora Josi.....	86
Esquema 06: representação da antiga feira da prata elaborada pelo Feirante Santo Antônio .	87
Esquema 07: representação da nova feira da prata elaborada pelo morador Dário.....	88
esquema 08: representação da nova feira elaborada pelo consumidor Caiçara.....	89
Esquema 09: representação da nova feira da prata elaborada pelo feirante Antônio.....	90
Esquema 10: Aspectos de promoção à saúde na Feira da Prata	96

Lista de gráficos

Gráfico 01: Origens dos produtos comercializados pelos feirantes na Feira da Prata	74
Gráfico 02: Como os consumidores avaliam nova estrutura da Feira da Prata.....	81
Gráfico 03: Como os Feirantes avaliam a nova estrutura da Feira da Prata.....	82

Lista de quadros

Quadro 01 – Figuras metodológicas do Discurso do Sujeito Coletivo	56
Quadro 02 : Etapas para a realização da análise semiótica em imagens paradas	58

Lista de tabelas

Tabela 01 – Perfil dos consumidores da Feira da Prata	66
Tabela 02 – Perfil dos moradores do entorno da Feira da Prata	68
Tabela 03 – Perfil dos Feirantes da Feira da Prata	69
Tabela 04 – Tipo de atividade desenvolvida pelos feirantes	73
Tabela 05: Aspectos negativos colocados pelos feirantes	83

Lista de Siglas

AC	Ancoragem
AGEVISA	Agência Estadual de Vigilância Sanitária
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões-chave
IC	Ideia central
MO	Modelo Operário
OMS	Organização Mundial de Saúde
SEPLAM	Secretaria de Planejamento
SESUMA	Secretaria de Obras e Meio Ambiente
SINAC	Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento

Lista de Apêndices

APÊNDICE A – Modelo de questionário aplicado aos consumidores	107
APÊNDICE B – Modelo de questionário aplicado aos Feirantes	108
APÊNDICE C – Modelo de questionário aplicado aos moradores do entorno.....	109
APÊNDICE D – Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os Consumidores da Feira da Prata	110
APÊNDICE E – Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os Feirantes da Feira da Prata.....	111
APÊNDICE F - Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os moradores do entorno da Feira da Prata	112

Lista de Anexos

ANEXO A – Termo de compromisso e livre esclarecido 113

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. FEIRAS LIVRES: DE EMBRIÃO DE CIDADE À ENTREPOSTOS DE COMÉRCIO E CULTURA	18
2.2 Feira da Prata, uma permanência campinense.....	27
3.REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	33
3.1 A Geografia e a perspectiva da experiência	35
3.2 Paisagem e saúde: fatores inerentes ao processo de bem estar das pessoas.....	41
3.3 Planejamento urbano: uma contribuição para a qualidade de vida	45
3.4 Riscos, promoção e prevenção a saúde, aspectos visualizados na paisagem.	47
4. METODOLOGIA.....	52
4.1 Técnicas de coleta.....	52
4.1.1 Levantamento bibliográfico	53
4.1.2 Trabalho de campo exploratório	53
4.1.3 Aplicação de questionários	53
4.1.4 Realização de entrevistas individuais.....	54
4.1.5 Elaboração de mapas mentais	54
4.1.6 Registro fotográfico	55
4.1.7 Visitas ao local para execução de diagnóstico ambiental	55
4.2 Técnicas de análise	55
4.2.1 Análise simples de questionários	55
4.2.2 Análise do discurso do sujeito coletivo.....	55
4.2.3. Análise semiótica de imagens paradas.....	57
4.2.4 Análise da representação espacial	58
5. ESTRUTURA, TRABALHO E BEM ESTAR NA FEIRA DA PRATA.....	66
5.1 Feira da Prata: perfil dos seus frequentadores	66

5.1.1 Consumidores.....	66
5.1.2 Moradores do entorno	68
5.1.3 Feirantes	69
5.1.4 Uma Feira Livre do feio!.....	75
5.1.5 Uma centralidade inter-bairro	78
5.1.5 Uma nova dimensão para a feira livre?.....	81
5.1.6 Trabalho dos feirantes	83
5.1.7 Feira da Prata: ontem e hoje.....	84
5.5 A Paisagem do risco, promoção e prevenção a saúde na Feira da Prata	90
5.6 Feira da Prata: rumo à promoção da saúde?.....	94
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
7. REFERÊNCIAS	99

Apresentação
(Cecília Meireles)

*Aqui está minha vida – esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.*

*Aqui está minha voz – esta concha vazia,
sombra de som curtindo o seu próprio lamento.*

*Aqui está minha dor – este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético momento.*

*Aqui está minha herança – este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento*

1. INTRODUÇÃO

A Geografia possui por a característica ser uma ciência social que estuda a realidade através de métodos próprios. O espaço Geográfico, em sua totalidade, é o objeto de estudo dessa ciência. Por sua vez, o estudo de fenômenos nas suas variadas escalas, através dos seus fixos e fluxos faz com que o profissional dessa área apresente um olhar treinado e aguçado diante da nossa sociedade.

É através dessa noção de percepção do espaço geográfico que surge a ideia de abordar a Feira da Prata, objeto de estudo da presente monografia. A ideia surgiu como uma forma de aplicar conhecimentos adquiridos no Curso de Licenciatura em Geografia em uma realidade local, ou seja, a Feira da Prata, fenômeno presente na vida do pesquisador em questão, que ao estudar na Escola de Ensino Médio e Profissionalizante Doutor Elpídeo de Almeida o autor caminhava todos os dias de manhã pela Feira, como também, nos finais de semana quando fazia compras com sua mãe. Desse modo, o olhar implantado pela Ciência Geográfica com ajuda da orientadora deste trabalho/desta pesquisa fez florescer um projeto encaminhado ao Programa de Iniciação Voluntária Científica da Universidade Federal de Campina Grande (PIVIC/UFCG) que, posteriormente, virou numa monografia de cunho quanti-qualitativa.

É nesse sentido que a presente pesquisa aborda a Feira da Prata, tendo por base o estudo da modificação ocorrida na sua paisagem em meados de 2007 a 2009. Apresentando como objetivo uma Análise da modificação na paisagem da Feira da Prata em Campina Grande – PB e suas consequências na qualidade de vida dos que a vivenciam, como também: identificar os elementos da paisagem da Feira da Prata que podem interferir na qualidade de vida de quem a vivencia na atualidade; elaboração de um diagnóstico sobre a percepção de qualidade de vida dos que vivenciam a Feira da Prata; identificação dos principais problemas e potencialidades a partir da paisagem atual.

A Feira em sua totalidade, sendo apresentada por indivíduos que a constroem e a vivenciam ao mesmo tempo: feirantes, moradores do entorno e consumidores. O pesquisador não é se não um mero canal entre a ciência geográfica e a sociedade,

transportando conhecimento da Feira da Prata para todos aqueles que se interessam pela temática das Feiras Livres.

Dessa forma, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos: *Feiras livres, uma síntese Histórica* onde é apresentado um esboço geral sobre o fenômeno das Feiras Livres no mundo, desde a antiguidade até a idade moderna, mostrando os principais aspectos que fizeram a Feira Livre persistir até os dias atuais, e como é a sua ligação com a cidade de Campina Grande. O segundo capítulo é voltado para o *Referencial Teórico* onde são abordados os principais conceitos, tais como paisagem, lugar, topofília, percepção, Feiras Livres, risco, prevenção e promoção a saúde. O terceiro capítulo versa sobre a *metodologia* usada no trabalho e subdivide-se em duas partes: técnicas de coleta, em que são mostrados os recursos utilizados para ir a campo, que tipos de informações e dados foram coletados. A segunda parte refere-se às técnicas de análise, onde é explicitado que tipos de técnicas foram usadas para analisar os materiais coletados em campo, como: análise do discurso coletivo, sistematização simples de questionários, interpretação de mapas. Por último, o quarto capítulo irá mostrar os *resultados* obtidos através da pesquisa, salientando aspectos estruturais e afetivos voltados à Feira da Prata e como esses aspectos influenciam na percepção que hoje os moradores, feirantes e consumidores apresentam da Feira. Além dos quatro capítulos, a monografia conta com introdução, considerações finais, referências, apêndices e anexos.

Bagunça organizada

(Kleiton Wagner)

Seus temperos, aromas e sabores,

Alegrias, descrenças e crenças

E assim ela se constrói

Espontânea e momentânea

Cria e recria aquilo que ainda há por vir

Nela aparece de tudo um pouco

Um oxente, uma piada, uma fruta e um brinquedo

É o povo, é ela ao mesmo tempo

Fazendo e refazendo-se

Nesses fixos e fluxos

Bagunça organizada

Generalizada e anestésica

Que saudade dessas nostalgias.

2. FEIRAS LIVRES: DE EMBRIÃO DE CIDADE À ENTREPOSTOS DE COMÉRCIO E CULTURA

Antes de tudo, para que se inicie este trabalho é de suma importância que se faça uma síntese histórica sobre os principais aspectos ligados à concepção de Feira Livre, haja vista que, a própria história da cidade de Campina Grande está intimamente imbricada com a feira. Dessa forma, serão apontados os principais elementos constituintes sobre esta temática até a contextualização sobre o surgimento da Feira da Prata, objeto de estudo desse trabalho.

De acordo com o dicionário Aurélio feira significa: “1. Lugar público, não raro descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias; 2. exposição” (FERREIRA, 2000, p. 317). Logo, podemos observar na descrição do dicionário que a feira se constitui como um local público de encontro de pessoas repleto de funcionalidades.

As feiras constituem-se como verdadeiros focos proliferativos de vários fenômenos: sociais, culturais e econômicos, podendo ser analisada através de diferentes perspectivas. Nesse sentido, segundo Silva (2006, apud CHAVES, 2011.p. 24) a feira é descrita como sendo “um tecido venoso por onde afluem valores sócio-culturais e preceitos econômicos e ideológicos” essas insituições por sua vez são fenômenos muito antigos. Porém, como se deu o surgimento de tal fenômeno, qual o fator preponderante e decisivo para que se agrupasse características tão peculiares?

Em algumas regiões, as feiras surgiram como um fenômeno primitivo de forma espontânea, a ponto de muitas cidades terem suas origens ligadas estreitamente a elas. Nesse sentido, a criação de instituições relacionadas a processo de intercâmbio de mercadorias e suprimento ou abastecimento da população representou o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial, sendo esta um dos elementos determinantes para os homens se reunirem em sociedade (DANTAS, 2008).

Portanto, percebemos que um dos elementos preponderantes para o surgimento das feiras é justamente a concepção de atividades ditas civilizadas, regidas em grande parte por excedentes gerados pela sociedade, onde a troca de determinados produtos engendra tal excedente. Entretanto, é na passagem da idade média para a moderna que

vemos as Feiras Livres como instituições de grande valia comercial. Na sociedade Feudal, observamos que em grande parte os indivíduos produziam aquilo que consumiam, ou seja, a relação existente era auto-suficiente. No entanto, segundo Huberman (1986) havia determinados intercâmbios que faziam com que pequenos aglomerados de indivíduos comercializassem os seus produtos. Dantas (2008) nos mostra bem essa questão, principalmente no que diz respeito a uma dinâmica civilizatória, embrião das Feiras Livres:

Observada como instituição destinada à troca comercial, a feira tem sua origem relacionada ao renascimento da atividade comercial na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Para muitos autores, dois elementos foram determinantes para o renascimento comercial neste momento, a construção de cidades e o surgimento de atividades ditas civilizadoras. Porém, autores com Mumford (2004) mostram que o elemento principal para isto foi à formação de um excedente de produtos rurais e de população para que se pudesse proporcionar ao comércio as riquezas necessárias para sua expansão (DANTAS, 2008. p. 88).

Ainda de acordo com este autor, o indivíduo que não possuía determinado material, fazia trocas em mercados próximos a mosteiros, castelos e cidades. No entanto, vale salientar que este tipo de atividade ainda não possuía uma coesão mais complexa, devido ao fato já citado, a ausência de excedente que gerasse uma oferta e demanda em grande quantidade. Entretanto, o sistema comercial fluiu com mais rapidez com o advento das cruzadas (séculos XI ao XIII) quando se tinha milhares de europeus que atravessando o continente por mar e terra necessitavam de produtos. Os cruzados que retornavam de jornadas ao Oriente vinham munidos de diferentes gostos, dos quais tinham experimentados.

Observamos que as Cruzadas trouxeram ao sistema comercial da Europa, como um todo, uma configuração diferenciada, onde ela desperta do sono feudal, com comerciantes, sacerdotes, trabalhadores, espalhados por todo o continente (HUBERMAN, 1986). Guimarães (2010) também nos mostra que as primeiras referências oficiais às Feiras datam do século XIII, quando aparecem em meio á festas religiosas e comércio.

As primeiras referências às feiras aparecem em meio ao comércio e às festividades religiosas. A própria palavra latina *feria*, que deu origem à portuguesa *feira*, significa dia santo, feriado. Esses eventos têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. (GUIMARÃES, 2010, p. 05).

Dessa forma, vemos uma dinâmica maior em relação ao comércio Europeu, onde as Feiras Livres ganham dimensões maiores¹. Com o fim do feudalismo e o surgimento do sistema capitalista as Feiras Livres persistiram chegando até o Brasil por meio dos colonizadores portugueses, de acordo com Lima e Sampaio (2009)

(...) As feiras-livres atravessaram os tempos, adaptando-se a cada sociedade, tipos de economias, sobrevivendo a entraves como poderio centralizador, limitações para sua efetividade, entre outros. Essas chegaram até nós, trazidas pelos portugueses ao fundarem as primeiras cidades na Colônia, construíram-nas nos moldes das cidades portuguesas, isto é, cidades empórios. Esta denominação lhes era dada porque, as cidades portuguesas tinham em sua origem a função de verdadeiras concentrações comerciais que agregavam em seu bojo um núcleo acumulador de mercadorias captadas no seu entorno, sendo dependentes do rural que as circundavam. (p. 7).

Portugal já tinha uma determinada experiência com as Feiras Livres, isso porque, mesmo antes do Brasil ser “descoberto”, os portugueses já estavam acostumados com o comércio em feiras e em mercados (MOTT, 1975, apud DANTAS, 2008). Citando Virginia Rau, [Mott (1975) relata que a feira mais antiga situada em Portugal tem sua origem no ano de 1125] e que até o século XV existiam cerca de 95 delas em todo o Reino. Ao mesmo tempo, elas estavam presentes nos *suqs* da África do Norte e nas feiras do sertão de Angola.

¹ É importante observar a diferença entre os mercados locais semanais dos primeiros tempos da Idade Média e essas grandes feiras do século XII ao XV. Os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em sua maioria agrícolas. As feiras ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do Oriente e Ocidente, Norte e Sul. (HUBERMAN, 1986. p. 22).

Mott (1975 apud DANTAS, 2008) faz uma reflexão importante sobre o cenário brasileiro pré-colonial, no qual ressalta a vida cotidiana dos nativos baseada em um regime simples, caracterizado por uma economia de subsistência com a finalidade de satisfação das necessidades. O comércio indígena era baseado no escambo intertribal:

Quanto ao comércio inter-tribal, este se dava de forma muito peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a troca de produtos, em geral para o adorno corporal. Baseado em relatos de cronistas e viajantes da época, Mott (1975) cita que os tupinambás ao comerciarem com os guaitacás procuravam manter uma distância relativa em torno de 100m uns dos outros. Guardada esta distância, eles mostravam de longe os objetos que queriam trocar deixando-os por sobre uma pedra ou pedaço de pau na metade da distância. Daí vinham os guaitacás para examinar os objetos, deixavam suas pedras e penas e levavam os outros produtos. Feita a troca (também conhecida por escambo), rompia-se a trégua entre os grupos e transposto o limite do local destinado ao encontro, punham-se ao encalço dos inimigos na tentativa de reaverem as suas mercadorias. (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2008, p. 90).

Em contexto brasileiro, temos como primeira referência ao estabelecimento de uma feira no ano de 1548, quando o Governo Geral do rei Dom João III colocava que nas vilas e povoados fizessem a feira em um ou mais dias na semana, se fosse necessário (DANTAS, 2008). Nesse sentido, as feiras eram destinadas ao suprimento da própria população, mas, também estavam calcada na ideia dos nativos existentes que pudessem vender e comprar produtos. No período colonial a dinâmica comercial girava em torno dos engenhos da cana-de-açúcar e das vilas e cidades que serviam de armazéns e porto de embarque para a produção açucareira. De acordo com Dantas (2008) as primeiras feiras no Brasil, de fato, surgem onde hoje conhecemos como a região Nordeste, provavelmente entre os séculos XVI e XVII, sendo localizada em Capoeira ao Norte do recôncavo baiano (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2008. p 91).

O abastecimento das cidades no período colonial era um grande problema na época, uma vez que boa parte da mão-de-obra existente era canalizada para a atividade açucareira:

A insuficiência de alimentos destinados aos núcleos populacionais mais densos foi, assim, um dos problemas mais sérios que a Colônia teve de enfrentar. Com exceção de poucas famílias mais abastadas, a população nesse momento vivia sob um estado crônico de subnutrição (PRADO JR., 1990). Não obstante, diversas formas de comércio já se encontravam estabelecidas, sendo os mais comuns as lojas, vendas,

tavernas, estalagens, açougues, quitandas, dentre outros. É no relato de um cronista, por volta de 1587, que está, possivelmente a primeira referência a uma feira realizada na capital da Colônia. Segundo o relato, citado por Mott (1975, p. 312), desse cronista “tudo vêm vender à praça desta cidade: muitos mantimentos, frutas, hortaliças, do que se remedia toda a gente, da cidade” (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2008, p. 91)

Ainda citando Mott (1975) Dantas (2008) nos salienta a dificuldade em relação às referências oficiais sobre a instituição de Feira Livre no Brasil. No entanto, uma das primeiras Feiras existentes no território estava localizada onde hoje denominamos de região Nordeste do País, mais precisamente no Estado da Bahia:

Mesmo tendo estas referências sobre a existência de uma forma de comércio realizado ao ar livre na capital colonial, não encontramos na literatura pesquisada ou mesmo em qualquer documento um indicativo de quando e onde foi criada a primeira feira no Brasil. Porém, uma das primeiras de que se tem notícias de instalação na Colônia deu-se no Nordeste, provavelmente entre os séculos XVI e XVII. Esta feira estava possivelmente localizada em Capoame, no norte do Recôncavo Baiano (MOTT, 1975). O fato de não existirem documentos que indiquem o surgimento das feiras nesse período, faz o autor levantar a hipótese de que a emergência das feiras só se deu efetivamente “quando do maior desenvolvimento demográfico e da diversificação econômica do Brasil (MOTT, 1975, p. 311 apud DANTAS, 2008, p. 91).

2.1 A cidade de Campina Grande e sua relação com a Feira Livre

A região Nordeste foi um palco muito interessante para atividades coloniais, como por exemplo, a produção açucareira. No entanto, esta região do país também teve uma forte ligação com as Feiras Livres, devido ao fator de uma grande concentração de indivíduos e surgimento de cidades; muitas das cidades existentes no Nordeste Brasileiro apresentam, na sua gênese, a Feira Livre como um embrião para o desenvolvimento. Diniz (2009) nos mostra que a origem da Cidade de Campina Grande tem como forte influenciadora a sua Feira Livre

As histórias de muitas cidades da região nordestina registraram a presença destas importantes feiras, que constituem os principais centros de comércio regional. Campina Grande no Estado da Paraíba

corresponde a um destes representativos povoados, que cresceu em função desta atividade. A cidade no passado possuía uma importante e movimentada feira comercial onde eram negociados os principais produtos da região (DINIZ, 2009, p. 15).

O comércio de gado e de farinha também nos leva a refletir sobre o desenvolvimento das feiras no Nordeste brasileiro em meados dos séculos XVIII e XIX. Desse modo, percebemos o estado da Paraíba, e em especial, a cidade de Campina Grande que apesar de está localizada no interior do Estado, sua feira possuiu um papel fundamental no desenvolvimento da cidade, conforme aponta Costa (2003)

A feira de Campina Grande acompanhou toda a história da cidade, adaptando-se ao advento dos diversos meios que se sucederam. Conservando elementos dos meios pretéritos, ao mesmo tempo em que absorvia as modernidades dos meios emergentes. (p. 95)

Portanto, ao remetermo-nos ao contexto histórico de Campina Grande, estamos remetendo-nos também à própria história de sua feira², pois esta apresenta aspectos rugosos, ao mesmo tempo em que se adapta às novas exigências da modernização.

A cidade de Campina Grande teve como primeiro embrião de sua formação, em 1697, um aldeamento dos índios ariús no sítio Campina Grande, criado pelo capitão-mór dos sertões Teodósio de Oliveira Ledo, que os trouxe das Piranhas. (CÂMARA, 1998). Nesse sentido, os índios situaram-se no sítio das barrocas³, dando início dessa forma, ao povoado de Campina Grande. Com o passar do tempo surgem as primeiras casas de farinha no Brejo e Agreste que abasteciam a feira na Rua das Barrocas. Em virtude da procura desta iguaria e de cereais, a feira se tornou um ponto de parada para os boiadeiros e tropeiros do interior do Estado. Aqui, vale ressaltar um dado de fundamental importância para o desenvolvimento da feira e da própria cidade de Campina Grande, a sua localização geográfica, por situar-se entre as regiões de

² Vale destacar que nesse caso a Feira que praticamente surgiu com a cidade de Campina Grande foi a Feira Central.

³ Atual Villa Nova da Rainha (CÂMARA, 1998. p. 23).

pastoreio (Sertão e Cariri) e regiões agrícolas do Brejo e Zona da Mata, numa época em que os transportes eram rudimentares, realizados em lombos de burros e de uma mercadoria que se autotransportava – o gado, a posição geográfica era de muita importância (SÁ, 1986, apud COSTA, 2003.). Ainda segundo este autor, Campina Grande apresenta destaque em sua centralidade por três principais motivos:

1) Não ser o destino final dos consumidores, porém um nó na rede de circulação entre pontos distantes, que oferecia gêneros de primeira necessidade, num vasto território marcado pela escassez e pela precariedade dos transportes. Tal fato teve implicações significativas no raio de alcance dos bens oferecidos por este centro. 2) Não apresentar, num primeiro momento, concorrentes para sua produção, o que possibilitou a ampliação da distância limite de deslocamento dos consumidores (tropeiros, boiadeiros). 3) Estando o Sertão paraibano praticamente isolado, Campina Grande era a localidade mais próxima que melhor viabilizava o suprimento alimentar dessa imensa hinterlândia. (COSTA, 2003, p. 22).

No ano de 1790, o povoado é elevado à categoria de Vila, com o nome de Vila Nova da Rainha. Nesse período, é retomada mais uma vez a sua posição geográfica como elo estratégico, sendo considerada como passagem obrigatória para as principais rotas de circulação do território Paraibano.

Em 11 de Outubro de 1864, Campina é elevada à categoria de cidade, ainda com uma estrutura urbana e econômica precária, no entanto, essa realidade muda a partir do ano de 1907, com a introdução da linha ferroviária⁴ da empresa *Great Western of Brazil Railway*. Neste sentido, com a introdução desse novo meio, a cidade passa a manter relações com importantes centros urbanos litorâneos, em especial a capital pernambucana (Recife) (DINIZ, 2009). Campina Grande se torna então um importante centro de comercialização do algodão, e através desse desenvolvimento, fez crescer outros setores da economia, como o atacado. Com esse apogeu, a cidade apresentou renovações no seu sistema urbano, cultural e social. Os anos 30 foram marcados pela

⁴ Fazia o prolongamento com a linha ferroviária da cidade de Itabaiana, esta por sua vez localizada no Vale do Rio Paraíba, distando aproximadamente 90 km de Campina Grande (DINIZ, 2009, p. 35).

ascensão e consolidação do comércio na cidade; com o advento do caminhão, os tropeiros aos poucos foram sendo substituídos pelos carros, e a cidade incorpora duas linhas de ônibus coletivos (COSTA, 2003), há formação de duas zonas industriais e de eixos rodoviários⁵. Em meados da década de 1950, Campina Grande passa a consolidar um setor industrial mais forte, nesse sentido, a cidade passa a se organizar para receber indústrias.

Um fato importante, apontado por Costa (2003) refere-se ao golpe militar ocorrido no Brasil, quando Campina Grande é afetada por tal evento, no sentido de que a ditadura pregava uma política centralizadora, na qual João Pessoa (capital) foi beneficiada. Dentre os maiores enclaves trazidos pelo regime ditatorial está o fechamento de indústrias e o desemprego que assolaram a cidade.

Observamos que no decorrer da história em um primeiro momento, Campina Grande surge impulsionada pela sua feira de cereais e de gado, posteriormente, o algodão introduz uma maior dinamicidade econômica, o comércio atacadista dá uma característica comercial e a industrialização desenha no seu bojo uma nova funcionalidade. No entanto, não podemos visualizar esta cidade através de ciclos fechados e isolados, mas sim, como processos conectados e multifuncionais, dessa forma, a feira de gado e de cereais seguiu todas estas fases da economia campinense, conforme aborda Costa (2003):

Esses ciclos econômicos não foram excludentes nem rivalizavam entre si, pelo contrário, até se beneficiavam da centralidade proporcionada pelas feiras, pelo comércio do algodão, pelo comércio atacadista, dando à cidade uma feição bem mais complexa que a mono funcionalidade que às vezes lhe é atribuída (p. 50).

Diante do exposto, a feira de Campina Grande andou lado a lado com a própria história da cidade, munida de aspectos rugosos, apresentando aspectos antigos, mas, em

⁵ Os eixos rodoviários segundo Costa (2003) são a BR 230 e a BR 104. (SÁ, 2000, p.182 apud COSTA, 2003,)

contrapartida readapta-se às condições impostas pela modernidade. No entanto, com o advento dos mercadinhos, a feira encontra um prenúncio de mudança, pois, os mercadinhos forneciam ao consumidor a opção de auto-atendimento. Essa nova modalidade varejista torna-se uma concorrência para a feira principalmente na década de 1980, quando os supermercados passam a se instalarem em grande parte do tecido urbano da cidade, abrindo um leque de várias opções aos seus consumidores. Dessa forma, além de enfrentar a concorrência dos mercadinhos, supermercados e quitandas espalhadas por toda a cidade, a Feira Grande passa também a enfrentar a concorrência das feiras de bairros que invadiu as ruas da cidade na década de 80. (COSTA, 2003).

2.2 Feira da Prata, uma permanência campinense

Neste contexto, encontramos a Feira da Prata, que se constitui como um importante aspecto rugoso da paisagem urbana da cidade de Campina Grande; essa se faz presente no bairro da Prata há mais de 50 anos. Segundo moradores do bairro a feira começou com um tímido aglomerado de feirantes às margens da Avenida Rio Branco. Eram realizada as quintas-feiras e aos domingos, porém, como os feirantes fixavam-se em frente às residências e os moradores não gostavam dessa prática que se repetia toda semana. Os feirantes, então, se deslocaram e ocuparam um grande terreno que ocupava toda uma quadra (APOLINÁRIO, 2009.), como podemos observar na figura 01:

Figura 01 : Terreno da antiga estrutura da feira da Prata. – 2005



Fonte: Google Earth (22/jul/2005)

A sua estrutura era a céu aberto, aonde os feirantes comercializavam seus produtos principalmente aos domingos, como podemos observar na figura 02:

Figura 02: Feira da Prata antes da requalificação estrutural 2001



Porém no decorrer do tempo, com o advento das modernizações, a Feira da Prata teve que se adaptar às novas exigências. De acordo com Apolinário (2009) a Feira da Prata se incorporou ao cotidiano do bairro da Prata e também da própria cidade de Campina Grande, sendo considerada como um patrimônio histórico e cultural da cidade. Nesse sentido, a Feira da Prata a pedido de comerciantes e consumidores, passou a ter uma nova estrutura. A construção da nova estrutura da feira teve início em 2007/2008. (APOLINÁRIO, 2009.). No período atual a estrutura já está completa, como podemos observar nas figuras 03 e 04:

Figura 03: Nova estrutura da Feira da Prata - 2012



Fonte: Google Earth (22/Mai/2010)

Figura 04: Feira da Prata depois da requalificação estrutural. - 2011.



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/47719925> > Acesso: 20/Mar/2010

Atualmente a Feira conta com uma grande estrutura metálica, com boxes e pavimentação. De acordo com Lima (2010) a inauguração da nova Feira, como foi

denominada, passou por algumas divergências, uma vez que, a estrutura desenvolvida não conseguiu abarcar todos os feirantes, ficando muitos deles às margens.

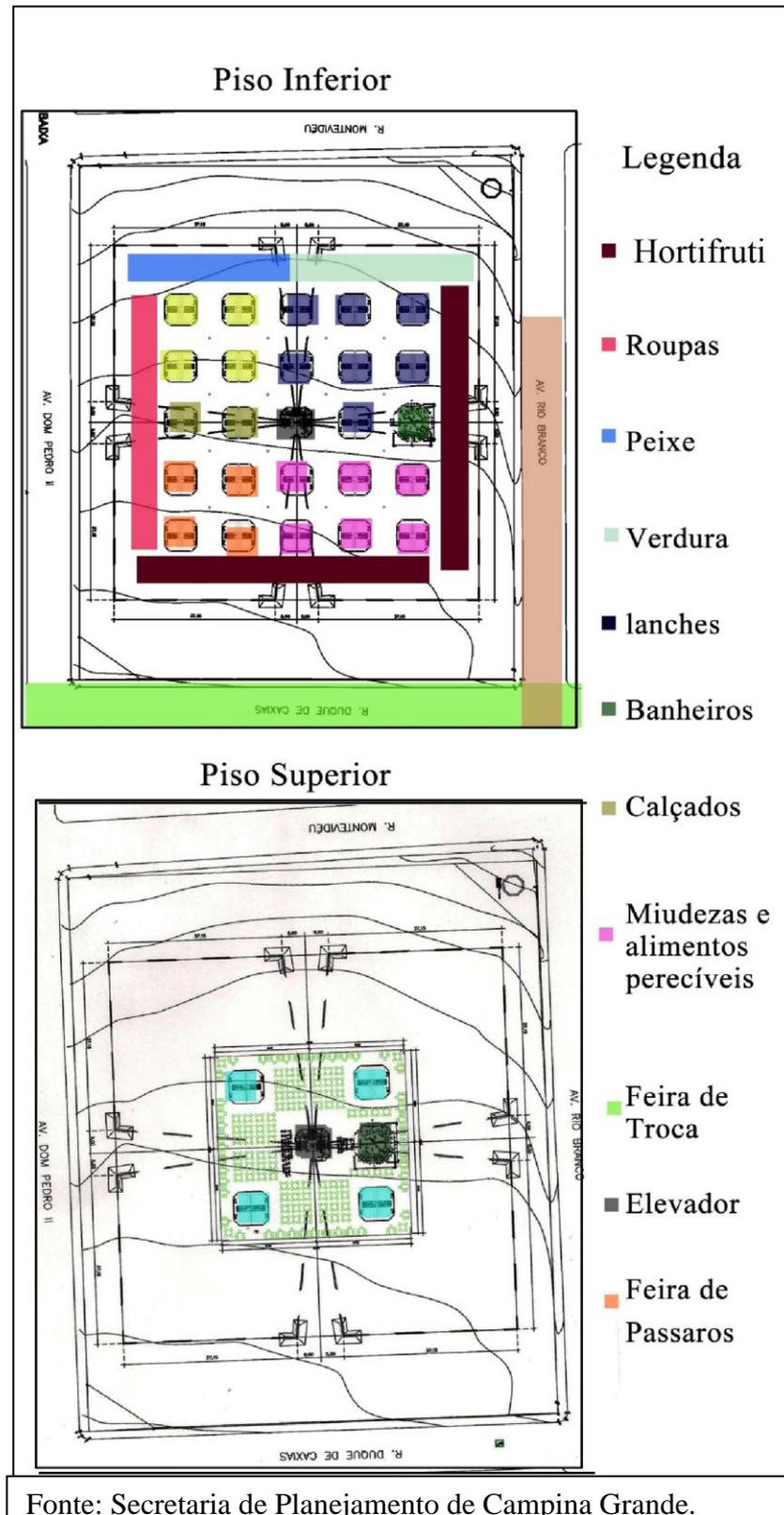
Presentemente, a Feira da Prata possui cerca de 92 boxes no piso inferior e 16 no piso superior. Além dos boxes a Feira da Prata possui mais de 200 bancos em estrutura de ferro que são armadas ao redor dos boxes. Vale salientar que a Feira não se resume apenas à área interior que está cercada por grades, ela se estende até as ruas adjacentes possuindo uma Feira de Troca, aonde são comercializadas diversos produtos como eletrônicos, roupas, calçados.

De acordo com conversas realizadas com a administração da Feira na época, a Feira possui cerca de mais de 500 feirantes cadastrados. No entanto, a informação não pode ser passada⁶ com o argumento de que tais informações eram de cunho pessoal.

A seguir, na figura 05 podemos observar a configuração da Feira da Prata por setores.

⁶ De acordo com o administrador da Feira da Prata na época da realização desta pesquisa, as informações referentes ao quantitativo exato, cadastro de feirantes da Feira da Prata não poderiam ser repassados, com o argumento que tais informações seriam de cunho sigiloso e pessoal.

Figura 05: Configuração da Feira da Prata por setores



*A Ideia**(Augusto dos Anjos)*

*De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!*

*Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!*

*Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...*

*Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarraa
No molambo da língua paralítica!*

3.REFERÊNCIAL TEÓRICO

A Geografia é uma ciência que apesar de lidar com fatores físicos da realidade também estuda aspectos sociais, rompendo assim, com dicotomias. Assim sendo, na Geografia, mais precisamente dentro da Geografia Humana, encontramos um ramo específico que aborda elementos ligados à saúde dos indivíduos e ao espaço geográfico: a Geografia da Saúde.

No entanto, o que a Geografia tem a oferecer em estudos que envolvam saúde em um âmbito coletivo? É importante refletir que, a Geografia não contribui apenas com técnicas de cartografia, interpretação de mapas, é preciso ir mais além; se faz necessário alcançar a realidade dos sujeitos pesquisados para que assim, se produza uma interpretação condizente (BARCELLOS, 2010).

A Geografia da saúde tem a sua gênese com a própria ciência geográfica, segundo Mazetto (2010), consideramos Hipócrates (pai da medicina) como um importante pensador que estudou a relação entre meio ambiente e saúde, extrapolando as bases físicas do ambiente, adentrando também no cotidiano das pessoas através dos hábitos e estilos de vida. No decorrer do século XVIII e XIX o colonialismo e a influência do movimento naturalista denomina uma Geografia médica, pautada principalmente em aspectos físicos, como endemias tropicais.

De acordo com Mazetto (2010), os séculos XVIII e XIX foram marcados por grandes mudanças na sociedade (iluminismo, revolução francesa, etc.), introdução da indústria e do capitalismo. Dessa forma, os estudos dessa época, denominados de epidemiologia geográfica, o autor cita a obra de Finke: *Versuch einer allgemeinen medicinisch-praktischen geographie* (Ensaio de uma geografia geral médica-prática) de 1792, onde a geografia médica é dividida em: Geografia das doenças, geografia da nutrição e geografia da atenção médica.

Um dos trabalhos que merece destaque, é do médico John Snow, de 1854, o qual, através de um mapa, desvenda a causa de um surto de cólera em um bairro de Londres. No século XIX, com as descobertas da microbiologia de Pasteur, os estudos se voltaram para uma noção biológica das doenças, como bactérias e infecções. Nesse período, cai a produção em torno da Geografia médica, por uma atenção quase que

exclusiva aos agentes microscópicos. No entanto, com o advento do movimento sanitaria há uma valorização e atenção da relação meio físico e saúde, e, se observa que determinados elementos patogênicos, são transmitidos através de vetores e reservatórios. É importante notar que, nesse campo, a corrente Determinista ganha um maior espaço tanto na Geografia quanto na demais ciências.

No início do século XX, Mazzeto (2010) nos lembra de trabalhos inspirados pela ótica possibilista da escola clássica francesa, citando o trabalho do médico e Geógrafo Navarre, de 1904, que busca, além de espacializar as doenças, entender as suas causas e não apenas consequências. Em 1933 Max Sorre lança o conceito de complexo patogênico inspirado pelo Possibilismo de La Blache, com a noção de que o homem não seria apenas um agente passivo do processo saúde – doença –, seria também um agente modificador que poderia alterar a ocorrência dos agravos a saúde, transformando assim, o ambiente no qual está inserido. Sobre essa questão, Mazzeto (2010) nos mostra que:

Embora o modelo de Sorre não contemplasse à totalidade e complexidade das relações humanas, estando atrelado à supremacia do meio físico, foi notável o papel que reservou para o espaço socialmente construído, fato então incomum nos tratados de Geografia Médica. Nesse momento, começa a surgir a Geografia da Saúde, termo mais utilizado pelos países de língua latina, que procura se distanciar dos antigos estudos centrados nas condições biológicas e naturais do ambiente. (MAZZETTO, 2010, p. 28).

No quadro do desenvolvimento da Geografia da saúde, é em Max Sorre um importante estudioso da área que, de fato, encontramos um limiar para a introdução de correlações sociais para o entendimento do processo de saúde e doença (FERREIRA, 1991). Fazendo um paralelo com um importante cientista brasileiro, Josué de Castro, observamos que em Geografia da Fome, clássico lançado em 1947, CASTRO através do método geográfico, faz um verdadeiro panorama sobre as condições de nutrição da população brasileira, elencando além de fatores naturais, aspectos históricos e sociais da formação do Brasil.

Nessa pequena contextualização, entendemos que a Geografia e a saúde estão mais próximas do que pensávamos estar; a Geografia através dos seus modelos teóricos, conceitos e categorias de análise, fornece uma grande contribuição para a sociedade, quando passa a dar uma maior atenção a o processo saúde-doença.

3.1 A Geografia e a perspectiva da experiência

De acordo com Paul Claval (2010), entre os primeiros povos das sociedades ditas tradicionais, as geografias não são exclusivamente feitas de práticas e de habilidades, elas estão carregadas de experiências e de subjetividade (CLAVAL, 2010). Percebemos nesse sentido, que a ciência geográfica em si não se respalda apenas de conotações pragmáticas, mas, apresenta no seu arcabouço epistemológico a abertura para os aspectos subjetivos dos seres humanos, ainda segundo este autor:

viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, tato e o paladar. É se mover em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo enquanto paisagem” (CLAVAL, 2010, p. 39).

No entanto, é necessária a clareza de que tratar da subjetividade dos indivíduos não é uma tarefa fácil. Muito pelo contrário, é uma atividade complexa, fato que corrobora com a visão de alguns cientistas e pesquisadores, como podemos observar a seguir:

o cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar a diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações do mundo não humano já é enormemente complexa. Entretanto numa visão mais ampla, sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental (TUAN, 1980, p 2).

Fazendo uma conectividade desses elementos com o desenvolvimento da pesquisa, e a sua orientação redirecionada para o estudo da qualidade de vida do indivíduo, como tais elementos estão presentes no fenômeno escalar da feira da Prata?

Qual a sua relação com os indivíduos que vivenciam a feira? Encontramos a resposta no fato de que a percepção dos indivíduos sem dúvida alguma fornece subsídios para o desenvolvimento do trabalho, pois, como negar a percepção dos transeuntes, feirantes e moradores que vivenciam a feira? Se são esses indivíduos que constroem e dão vitalidade a Feira da Parta.

Dessa forma, se faz necessário explorar a respeito dos sentidos dos seres humanos, pois de acordo com Telford & Sawrey (1968):

o perceber (a tomada de consciência e/ou o reconhecimento de objetos, relações ou qualidades por meio de processos sensoriais) tem componentes sensoriais e ideacionais, ao mesmo tempo. Até certo ponto, o desenvolvimento perceptivo resulta da maturação estrutural e funcional dos órgãos dos sentidos e do sistema nervoso, mas em grau maior, é o resultado da aprendizagem. A percepção supõe uma interação entre o que o indivíduo recebe através dos órgãos dos sentidos e os significados experiencialmente derivados, que traz a experiência.

Observamos que, as atuações dos sentidos irão proporcionar ao indivíduo a capacidade de vivenciar a realidade, de perceber aspectos concernentes do mundo que o rodeia. Dessa forma, os sentidos (visão, tato, audição, olfato e paladar) irão subsidiar os indivíduos no seu desenvolvimento perceptivo. Por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de certa maneira. Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. A unicidade da perspectiva humana torna-se evidente quando paramos para indagar como a realidade humana deve diferir das dos outros animais (TUAN, 1980).

Diante do exposto se faz necessário abordar de forma sintética sobre a relação dos sentidos com a perspectiva da percepção, nesse caso, serão abordados os sentidos da visão, audição, tato, olfato e paladar.

A visão é um sentido bastante importante para a sobrevivência humana, por isso o homem tende a depender mais da visão, pois tal sentido fornece informações mais detalhadas sobre o mundo (TUAN,1980). A maioria das pessoas, provavelmente

considera a visão como sua faculdade mais valiosa e preferiria perder uma perna ou tornar-se surda ou a sacrificar a visão. É importante conotar que a visão do ser humano é estereoscópica, ou seja, os olhos humanos estão localizados na parte frontal da cabeça, fato que fornece aos indivíduos uma visão binocular.

O tato também desempenha sua preponderância para com a percepção humana, pois esse sentido proporciona a capacidade de saber se uma determinada superfície é áspera, lisa; se um determinado ambiente está quente, frio etc. Nem sempre acreditamos no que vemos, se fizermos uma analogia observaremos que tal fato pode ser observado na bíblia, com a passagem referente à ressurreição de Jesus Cristo aos apóstolos como podemos observar na passagem:

Tomé, chamado gêmeo que era um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio, os outros discípulos disseram para ele: nós vimos o senhor. Tomé disse: Se eu não vir a marca dos pregos nas mãos de Jesus, se eu não colocar o meu dedo na marca dos prego, e se eu não colocar a minha mão ao lado dele, eu não acreditarei (BÍBLIA; João 2:24).

A audição nos seres humanos não é tão aguçada, porém isso não tira a parcela de significância desse sentido, pois, por muitas vezes somos mais compadecidos pelo que ouvimos do que pelo que vemos, basta observarmos como a música é apreciada pelos seres humanos: para muitas pessoas a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários, porque isso? Em parte, talvez porque não podemos fechar nossos ouvidos, como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis ao som (TUAN 1980).

O olfato possui a capacidade de sentir aromas, muitas desses elementos podem levar os indivíduos a uma memorização de tempos passados. Por sua vez, o paladar introduz o ser humano no mundo dos gostos, dos sabores, como exemplo, temos os degustadores de produtos tais como vinhos, queijos, e dentro do nosso próprio cotidiano percebemos se uma comida está estragada ou azeda pelo seu gosto.

Vemos de forma sintética que os sentidos possuem particularidades, porém como é que através desses sentidos os indivíduos percebem o mundo em que eles

vivem? Precisamos ter em mente que os sentidos trabalham de forma sistemática e conjuntural, para melhor visualizarmos essa noção, basta o seguinte exemplo: podemos ver um feirante da janela do nosso carro, porém somos apenas observadores, pois não estamos envoltos por completo na cena, nesse caso, o mundo percebido através dos olhos é abstrato. Porém, é necessário que tenhamos em mente que os níveis de sensibilidade variam de indivíduo para indivíduo, pela questão de contexto social, cultura e história de vida. E claro, devemos refletir que a realidade possui inumeráveis elementos, e que por mais capaz que os seres humanos sejam, conseguimos perceber aquilo que nos convém, em outras palavras o poeta Inglês William Blake⁷ afirma que: “Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”. A natureza é demasiadamente difusa, seus estímulos demasiado poderosos e conflitantes, para serem diretamente acessíveis à mente e sensibilidades humanas (TUAN,1983).

A experiência é um elemento chave para entendermos como os indivíduos percebem e criam laços afetivos com o lugar, experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira diferente de simbolização (TUAN 1983). Se consultarmos a etimologia da palavra “experiência” observaremos que esta provém da mesma raiz latina (*per*) de “experimento”, “experimento” e “perigoso” (TUAN, 1983, p. 10). Através dos sentidos já falados em momento anterior, os seres humanos são capazes de criar sentimentos intensos pelo lugar.

Essa capacidade de criar laços de afetividade para com os lugares, é bem trabalhada pelo geógrafo Yi-fu Tuan, o qual apresenta o conceito de *topofilia* como algo que representa os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material (TUAN, 1980). Determinados lugares, podem nos fazer reviver tempos pretéritos, fazer

⁷ William Blake: poeta Inglês, nascido em Londres. A sua frase serviu de inspiração para o trabalho do escritor Inglês Aldous Huxley – As portas da percepção, no qual o autor coloca que cérebro humano filtra a realidade de modo a não permitir a passagem de todas as impressões e imagens que existem.

com que também, experiências negativas nos deixem apreensivos a passar por determinados lugares; o espaço em si, se torna lugar quando atribuímos personalidade.

A cidade como uma construção humana está repleta de lugares engendrados por relações afetivas. De acordo com Landim (2004) cada espaço na cidade é entendido através de informações que se tem acerca dele, no qual os espaços construídos e repletos de significância são conotados como lugares:

A cidade transforma-se em fonte geradora de estímulos perceptivos para quem a habita, entendendo por percepções básicas a capacidade de gerar informação nova e diferenciada a partir de elementos percebidos. Assim, cada espaço é entendido a partir das informações que se têm sobre ele, surgindo umas relações de interdependência entre o espaço e a informação. A apreensão de cada espaço ocorre por meio das formas de apropriação que se faz dele. Portanto, todo espaço edificado é identificado por determinadas características que compõem sua particularidade, transformando-o num lugar para aquela comunidade que o habita (LANDIM, 2004, p. 29).

A cidade não é apenas e unicamente construída por aspectos formais, como estruturas arquitetônicas e espaços públicos, a cidade é também fruto da construção social, fruto de processos dialéticos que percorrem toda a sua formação. Nesse sentido, trazendo essa questão para os indivíduos que vivenciam a Feira da Prata, qual a relação entre modificação da paisagem e qualidade de vida, Landim (2004) nos mostra que a noção de espaço arquitetônico e a percepção dos indivíduos sobre a paisagem urbana, interferem e ajudam no melhoramento da qualidade da estrutura urbana:

O conceito de espaço, no sentido arquitetônico, tem tido suas definições acrescidas com base em sua dimensionalidade e morfologia, e tem sido considerado um conjunto de percepções que levam o indivíduo ao conhecimento de seu entorno. Essas idéias, referentes à percepção do espaço, tem se refletido no estudo do espaço urbano pela arquitetura, onde duas noções são levadas em consideração: a percepção do meio ambiente, entendida como o processo pela qual as pessoas atribuem significado ao ambiente natural, e a percepção do ambiente urbano, entendida como a assimilação de um esquema perceptivo da paisagem urbana. Dessa forma, o estudo dessas diversas relações pode nos levar a uma melhor compreensão da cidade fornecendo subsídios projetuais para uma melhora na qualidade da estrutura urbana (LANDIM, 2004, p. 31).

Os indivíduos que vivenciam o lugar o conhecem, tem noção das suas potencialidades e dificuldades, comumente quando, por exemplo, o poder público ou privado, realiza projetos sobre a estrutura urbana, por vezes os indivíduos que vivenciam o espaço não são ouvidos, ou se conseguem este espaço, é pouco provável que as suas exigências sejam levadas em consideração. Em suma, como coloca Tuan (1963), a participação ativa é muito escassa, nem sequer participa de maneira simbólica na construção de monumentos públicos. Landim (2004) nos mostra que ao se trabalhar com espaços urbanos, o corpo técnico ainda considera o projeto para esse espaço independentemente das expectativas da população usuária desse mesmo espaço, e a forma como essa população apreende esse espaço raramente é considerado. (LEITE, 1998.P.100. APUD LANDIM, 2004.P.56)

As cidades possuem imagens próprias, e os habitantes criam imagens mentais de suas cidades, imagens que podem ser pesquisadas e analisadas, revelando uma visão pública ou coletiva que, por sua vez, identifica atributos arquitetônicos positivos – marcos referenciais para a coletividade ou paisagem urbanas pobres sem significado. Essas pesquisas podem servir como instrumentos para a implementação de um desenho urbano adequado, que responde aos anseios da população. Próximo da virada do milênio e em meio ao caos urbano das maiores metrópoles, tais acentuações parecem ganhar mais força do que na época em que foram lançadas por Lynch em 1960. Agora as imagens das cidades são muito preciosas, por um lado, foram transformadas em marketing e utilizadas para vender um produto que atraia investimentos e turismo, ou como exemplos de boa administração pública. Por outro lado, atestam o quanto está longe de uma paisagem urbana adequada, resultado de um desenho urbano responsável nas nossas cidades.

É claro e evidente que, ao esclarecer sobre esse ponto, não se pretende realizar uma crítica destrutiva, muito pelo contrário, o foco é justamente apontar os possíveis equívocos para uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos.

3.2 Paisagem e saúde: fatores inerentes ao processo de bem estar das pessoas

O geógrafo enquanto profissional cujo ambiente de estudo é o espaço geográfico, possui a capacidade de interpretar a realidade através da percepção, ou seja, o geógrafo é um dos profissionais que consegue ler e interpretar a paisagem ao seu redor.

O que significa a paisagem em si? Será que a paisagem abarca apenas elementos visuais ? ou o ser humano é capaz de sentir a paisagem, estando ao mesmo tempo e sendo um elemento da mesma ? Roshendal (2001) nos ilumina com uma discussão acerca da resignificação da paisagem no período contemporâneo; um dos pontos levantados pela autora diz respeito à construção da paisagem pelo imaginário social, pois, a paisagem é mais que uma pintura, a paisagem é o próprio palco onde se configuram as relações sociais, é o esboço do espaço geográfico. No desenvolver do conceito ao passar dos anos, observamos que a Geografia, como as demais ciências, é fortemente influenciada pelas correntes de pensamento:

Até o século 18 a paisagem era sinônimo de pintura. Assim, foi na mediação com a arte que o sítio – o lugar – adquiriu estatuto de paisagem. Para a Geografia (...) este fato influenciou a construção do conceito de paisagem. A emergência de um conceito polissêmico se impôs já a partir da Geografia Alemã e das influências do racionalismo positivista, de uma lado, e do idealismo e do romantismo, de outro. Desde o início, a apreensão da paisagem como fenômeno visível se colocou como centro de um conflito entre objetividade e subjetividade. (ROSHENDAL, 2001. p. 15)

Como em toda ciência, os embates oriundos de questões teóricas e metodológicas vem à tona, com as discussões em relação à paisagem não foi diferente. Por um lado temos as correntes da Geografia Cultural que buscam a essência da paisagem, do outro, vemos na geografia tradicional, imbricada com o positivismo, a supremacia da formas estritamente objetiva.

Alguns teóricos colocam que em determinado período do desenvolvimento da sociedade a paisagem morreu, principalmente no que diz respeito ao período pós

segunda guerra mundial. Partilhando da ideia de Roshendal (2001), tem-se que a paisagem é acima de tudo um fenômeno dinâmico:

É da natureza das paisagens se transformar. Contudo, se consideramos que as paisagens são construídas socialmente, elas não se esgotam: o que se esgota ou degrada é um determinado recurso natural ou uso da paisagem. A morte da paisagem significaria o desaparecimento do modelo que tornou possível a valorização estética do meio pela sociedade contemporânea, e para esse fato não há evidência (Roger, 1989). O desaparecimento de uma paisagem natural, como a Mata Atlântica, por exemplo, significa a substituição daquela paisagem em outra, não sua morte. Os recursos naturais podem se esgotar, mas a paisagem é transformada em outra, ainda que numa lógica perversa, destituída de beleza e de riqueza natural. (ROSHENDAL, 2001, p. 21)

Vale salientar que, a paisagem enquanto elemento da realidade, só existe porque, há um ser humano que a concebe, ou seja, é uma dialética de valores, a paisagem existe porque há quem a conceba como tal, como nos mostra, Gomes (2001)

A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processos, num jogo de mosaicos. (GOMES, 2001, p. 56).

Dessa forma, temos a paisagem enquanto mosaico organizado a partir do próprio indivíduo, que consegue interpretar signos e valores, como por exemplo a paisagem urbana de uma cidade, que possui aspectos como ruas, tubulações, prédios, casas, avenidas, entretanto, possui também assaltos, congestionamentos, poluição, ou seja, a paisagem de uma determinada cidade não é apenas sua conotação física, mas, também os seus signos, seus valores. Sobre isso Landin (2004) nos mostra que

A paisagem urbana configura-se e qualifica-se basicamente por meio desses elementos: o suporte físico, ou seja, o relevo, o solo, o subsolo e as águas, a cobertura vegetal original ou não, as estruturas ou massas de edificações e sua relação dialética com os espaços livres, o uso do solo, os loteamentos e o clima com suas alterações de ciclo diurno/noturno e as estações do ano. Contudo a paisagem urbana não é delimitada apenas por esses elementos. Ela é uma imagem, uma criação mental e social; está na mente das pessoas, nas relações de uso que se estabelecem entre os cidadãos, e entre estes e os elementos citados. A paisagem não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores e sons. (Landim, 2004, p. 54).

É nesse sentido que, Gomes (2001) nos lembra que a paisagem seria a representação mental de um espaço real, que por natureza é diversificado.

Ligando a concepção de paisagem à saúde, o geógrafo é capaz de elencar e identificar elementos que proporcionem ou sejam nocivos aos seres humanos. No entanto, precisamos entender como a saúde está ligada a qualidade de vida.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é entendida como “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”. De acordo com o conceito colocado pela OMS, a saúde é uma “situação” de caráter multifacetado, uma vez que o que abarca uma condição subjetiva do ser humano. Ao tocar no termo “perfeição” observamos um enfoque utópico do conceito, pois, será mesmo que a perfeição é atingida? Dentro desse quadro Segre & Ferraz (1997) nos iluminam que a saúde vai além da dissociação entre o físico, mental e o social; ela compreende a relação subjetiva do ser humano com o ambiente no qual ele está inserido, ou seja, harmonia entre o sujeito e a sua realidade.

A qualidade de vida por sua vez, está intimamente imbricada com a saúde das pessoas, Buarque (1993) nos lembra que a qualidade de vida está intrínseca ao próprio surgimento do ser humano no mundo, ou seja, a sua sobrevivência:

O primeiro gesto do que viria a ser o homem tinha por motivação a melhoria na qualidade de vida dele e dos demais da sua tribo. Apesar disto, só muito recentemente o conceito surge, se consolida no imaginário coletivo dos homens, e assume como definição o uso de técnicas. (BUARQUE, 1993, p. 1).

De acordo ainda com Buarque (1993), no decorrer do desenvolvimento da sociedade, o conceito de qualidade de vida vem se modificando, no período da revolução industrial tínhamos como qualidade de vida residir em um âmbito urbano, em meados do século XX, a qualidade de vida é um sinônimo para o consumo de massa. É importante salientar estas noções, pois a qualidade de vida é mais do que simples aspectos alienantes; por exemplo, como foi colocado, em meados da industrialização, boa parte das pessoas desejava morar em um âmbito urbano, hoje, presenciamos algo contrário, observamos uma macrocefalia urbana, e a procura de solos em áreas verdes de fácil acessibilidade, afastadas dos centros urbanos.

É nesse ponto que observamos a relação saúde-qualidade de vida, ou seja, mesmo que um determinado indivíduo tenha uma condição socioeconômica boa, havendo alguma enfermidade em seu organismo, seja ela psíquica ou física, este terá uma qualidade de vida alterada, pois não estará em harmonia com a sua própria realidade. Siedel (2004) que, pelo fator de ser um conceito transdisciplinar, a sua abordagem também é transdisciplinar e genérica:

A qualidade de vida apresenta uma acepção mais ampla, aparentemente influenciada por estudos sociológicos, sem fazer referência a disfunções ou agravos. Ilustra com excelência essa conceituação a que foi adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em seu estudo multicêntrico que teve por objetivo principal elaborar um instrumento que avaliasse a qualidade de vida em uma perspectiva internacional e transcultural. A qualidade de vida foi definida como “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos expectativas padrões e preocupações”³ (p.4).

Para fins de reduzir a polissemia em torno do termo qualidade de vida, vamos adotar a noção de qualidade de vida ligado a uma forma saudável de vida, ou seja, viver bem de forma longa (VITTE, 2009). É preciso ter em mente que a qualidade de vida apesar de ser pensada de forma individual, ela tem o caráter coletivo, principalmente quando se trabalha com políticas públicas voltadas para o planejamento urbano das cidades:

Embora a expressão *qualidade de vida* tenha como referência original caráter individual, é preciso lembrar que o planejamento governamental tem alcance coletivo: as políticas públicas são orientadas para grupos. Se o alcance da qualidade de vida for um objetivo do planejamento e da gestão, é preciso vincular ao conceito *necessidades* que possam ser satisfeitas por políticas públicas (BRAVO E VERA, 1993, p. 43 apud cf. VITTE, 2009, p. 91).

Levando essa concepção de saúde e qualidade de vida para o âmbito urbano, ou melhor, intra-urbano, Villaça (1998) observa-se que a paisagem urbana fornece fortes subsídios para a detecção de fatores que influenciam na saúde dos indivíduos e conseqüentemente na qualidade de vida. Quando olhamos para a cidade, presenciamos o lugar da manifestação individual e da experiência coletiva das pessoas. Carlos (2009, apud Vitte, 2001) nos faz lembrar que a cidade apresenta dimensão explicativa e é uma condição de realização da vida cotidiana que resulta de uma relação do indivíduo com a cidade. É nesse sentido que vemos a cidade como um espaço vivido através das experiências.

3.3 Planejamento urbano: uma contribuição para a qualidade de vida

A Feira livre enquanto inclusa no sistema intra-urbano de uma cidade, como é o caso do objeto desta estudo da pesquisa, sofre interferências elaboradas pelos gestores das cidades. A reestruturação na Feira da Prata teve esse pano de fundo,. Porém, o que entendemos por planejamento urbano? Será que esse planejamento serve apenas para embelezamento da cidade, ou o seu propósito deveria ser uma melhor qualidade de vida dos cidadãos?

Entende-se o planejamento urbano como uma ferramenta indispensável para os gestores urbanos. Carvalho (2009) mostra que é por meio do planejamento urbano que pode-se realizar o diagnóstico dos problemas e as indicações para possíveis soluções. De acordo com Menezes (2009) o planejamento está longe de ser uma atividade dita “moderna” pois nasce com o próprio desenvolvimento da humanidade, é o antecipamento a diversidades futuras. Ainda de acordo com esse autor ~~outro~~, o

planejamento urbano nasce com o advento do positivismo, com a ciência administrativa:

O planejamento público, na forma hoje entendida, seria invenção mais recente, desenvolvida ao longo do século XX. Teria surgido na década de 1920, com as experiências da ex-União Soviética, e depois estendido a outros países europeus, como a França e os países nórdicos, e, mais tarde, à Ásia e América Latina. Mas somente com o advento do positivismo, o surgimento da ciência administrativa e a ocorrência das guerras mundiais é que o planejamento ganhou status de objeto científico de análise e conceituação científica. Desde então, seus limites conceituais e metodológicos vêm sendo estendidos, e sua potencialidade, comprovada na esfera pública e privada, ainda que não consensualmente assim percebidos. (MENEZES, 2009, p. 70)

Vale salientar que um importante elemento que não deve ser deixado de lado quando nos remetemos ao planejamento urbano, é o estatuto da cidade, diretriz importante para o planejamento das cidades, servindo assim de orientação. O estatuto da cidade estipula que as cidades tenham o plano diretor, ferramenta que auxilia no processo de gestão e orientação para a tomada de atitudes que visem um melhor desenvolvimento urbano:

O plano diretor, estabelecido pelo estatuto da cidade como mais importante instrumento de planejamento municipal, estava presente em apenas 980 municípios em 2001, menos de 18% do total, mantendo-se em cifra equivalente em 2004, aliás muito baixa, considerando-se a legislação instituída em 2001. Se considerarem apenas as duas condições das quatro que obrigam a existência do Plano Diretor, isto é, considerando somente municípios com mais de 20 mil habitantes e municípios pertencentes a regiões metropolitanas e a aglomerados urbanos, o total de municípios deveriam somar cerca de 1.800. Se acrescidos os municípios enquadrados nas outras duas condições de obrigatoriedade – municípios integrantes de áreas de especial interesse turístico e os inseridos na área de influência de empreendimentos de grande impacto regional ou nacional. (MENEZES, 2009.P 75)

O plano diretor pode variar de cidade para cidade, de acordo com a realidade de cada uma, mas, o plano diretor em si busca subsidiar uma melhor condição de vida para

os cidadãos das cidades, servindo de elo entre a sociedade e a administração pública, mesmo sendo uma ferramenta de planejamento, não dando garantia de 100% ao sucesso, ela se faz importante pelo fator de criar chance para que as coisas fiquem certas, é melhor ter um planejamento bem elaborado, do que abrir mão da tentativa de se antecipar aos problemas urbanos das cidades.

É nesse sentido que se entende que o ato de planejar a cidade tem um direto rebatimento com a questão da saúde e conseqüentemente com a qualidade de vida das pessoas. Um bom planejamento deve levar em consideração o bem estar da população, refletir ações e práticas que possibilitem uma interferência real nos problemas urbanos. É nesse bojo que o diálogo com a comunidade é importante, deve haver uma aproximação real entre o que é planejado e o que de fato é necessário para a resolução de problemas. É nesse ponto que a gestão pública deve ouvir a demanda social, pois são os indivíduos que vivenciam o lugar que o conhecem, tem noção das suas potencialidade e dificuldades, comumente quando, por exemplo, o poder público ou privado realiza projetos sobre a estrutura urbana, por vezes os indivíduos que vivenciam o espaço não são ouvidos, ou se conseguem este espaço, é pouco provável que as suas exigência sejam considerada. Em suma, como coloca Tuan (1963), a participação ativa é muito escassa, nem sequer participam de maneira simbólica na construção de monumentos públicos.

3.4 Riscos, promoção e prevenção á saúde: aspectos visualizados na paisagem.

Quando a reflexão paira sobre a relação da saúde e elementos constituintes na paisagem urbana de uma cidade somos, de fato, impulsionados a pensar em apenas aspectos negativos que possam interferir no processo saúde – qualidade de vida das pessoas. No entanto, é preciso que se tenha em mente que a paisagem possui mais que elementos negativos, ela se constitui também de fatores que potencializam a qualidade de vida dos cidadãos. Entretanto, se faz necessário um esboço de concepções que nos ajudem a entender melhor que elementos são esses que influenciam diretamente na qualidade de vida das pessoas.

Ao pensar sobre a nocividade de elementos que possam interferir na saúde das pessoas, o risco surge como fator balizador entre o real e a proporcionalidade da existência de perigo. Castiel (2010), ao realizar um levantamento sobre o conceito, mostra-nos que o risco é um termo polissêmico, e que sua etiologia varia de acordo com a língua adotada, onde teríamos baixo-latim *risicu*, *riscu*, provavelmente do verbo *resecare* – cortar – quanto do espanhol *risco* – penhasco escarpado (ideia de perigo).

Na saúde, a abordagem está direcionada para o possível dano que a pessoa sofrera através de uma ação, como por exemplo, uma pessoa embriagada pilotando uma motocicleta. Dessa forma, observa-se que o risco é um fenômeno relacionado à ocorrência de um determinado agravo ou evento de saúde, podendo ter diferentes intensidades, estando em múltiplas dimensões da vida (GONDIM, 2010). Perceber o risco, nesse sentido, varia bastante, pois estamos lidando com pessoas, com subjetividades. No entanto Gondim (2010) salienta que o risco está ligado a uma esfera pessoal, como sexo, cultura etc, os indivíduos não são tão atentos a esses elementos, porém, quando o risco se encontra em uma esfera exterior, como por exemplo, uma determinada variante ambiental, os indivíduos são mais perceptivos.

É nesse elemento ambiental que encontramos na visão geográfica uma paisagem do risco, Pereira (2010) coloca que a paisagem do risco estaria representada pela percepção de elementos que podem causar algum possível perigo à saúde e à qualidade de vida de um indivíduo ou grupo.

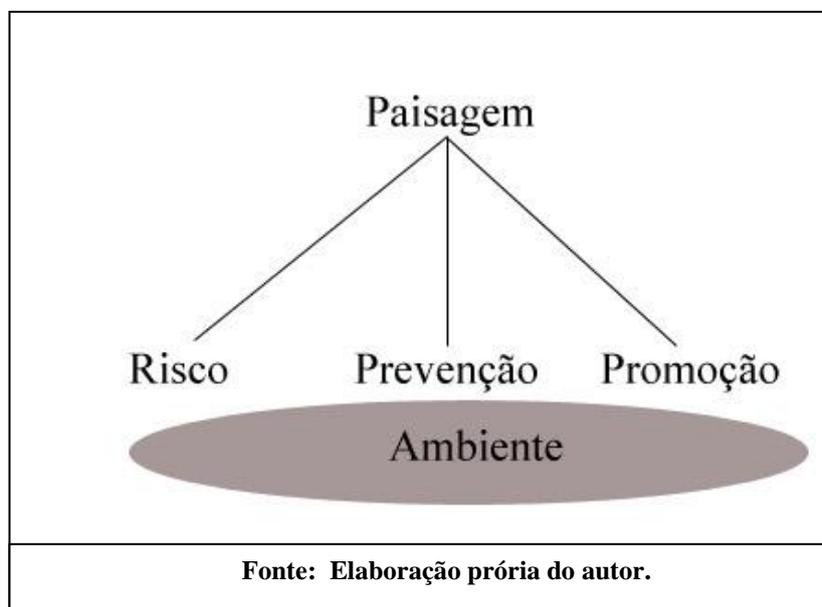
A prevenção á saúde é caracterizada pelas ações que são capazes de evitar doenças, intervenções que buscam evitar incidência de doenças nas populações (PEREIRA, 2010). O ato de, por exemplo, existirem agentes de vigilância ambiental nas feiras, fiscalizando a forma e o comércio, é caracterizado como uma antecipação a possíveis riscos. Direcionando a Geografia, aspectos da prevenção de doenças indicaria elementos resultantes de ações efetivadas para prevenir doenças.

A promoção da saúde tendo por base a discussão de Buss (2000) é representada por estratégias que enfrentem múltiplos problemas de saúde que afetam as populações. Promover a saúde seria evitar doenças e prolongar a vida dos indivíduos de uma forma saudável, ampliando os meios que propiciem uma qualidade de vida digna. Pereira

(2010) coloca que a promoção da saúde pode ser entendida como uma racionalização de possibilidades ou atitudes concretas que visam tanto uma possível mudança de comportamentos individuais, quanto do ambiente em que o indivíduo vivencia, tendo como foco a melhoria das condições de saúde. A paisagem de promoção é a percepção de elementos que são resultado de uma racionalização no sentido de um bem estar geral. Com exemplo, podemos colocar, ações educativas perante feirantes de uma determinada feira, no sentido de trabalhar concepção de manuseio, condicionamento de alimentos, atendimento e organização.

As paisagens de risco, prevenção e promoção estão intrínsecas num ambiente, pois, quando observa-se o risco, a prevenção ou a promoção, percebe-se esses elementos através de um ambiente de convívio. Para que o leitor entenda, abaixo segue uma figura que representa um esquema mostrando essa relação:

Esquema 01: Esquema da relação dos tipos de paisagem e o ambiente.



No esquema, observamos o ambiente como o plano no qual os elementos de risco, promoção e prevenção á saúde se esboçam. É nesse momento que, através da percepção os indivíduos identificam as paisagens. Vale salientar que, devido ao fator

dinâmico do próprio processo de estruturação e reestruturação do espaço geográfico, as paisagens formam um mosaico, ou seja, se misturam ao caos da realidade, no entanto, os seus elementos são passíveis de identificação e organização.

*Em Busca da Beleza**(Fernando Pessoa)*

*Soam vãos, dolorido epicurista,
Os versos teus, que a minha dor despreza;
Já tive a alma sem descrença presa
Desse teu sonho, que perturba a vista.*

*Da Perfeição segui em vã conquista,
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,
Que a própria idéia em nós dessa beleza
Um infinito de nós mesmos dista.*

*Nem à nossa alma definir podemos
A Perfeição em cuja estrada a vida,
Achando-a intérmina, a chorar perdemos.*

*O mar tem fim, o céu talvez o tenha,
Mas não a ânsia da Coisa indefinida
Que o ser indefinida faz tamanha.*

4. METODOLOGIA

De acordo com Barcellos (2008) a Geografia da saúde pode ajudar no estudo dos problemas de saúde, percebendo a complexidade presente no espaço geográfico. Nesse sentido, se faz necessário o uso de metodologias que permitam captar e analisar as condições de vida e as situações de saúde que possuem diferentes configurações nos lugares. Para tanto, são utilizados mapas, ferramentas de estatística espacial, entrevistas para entender a relação das pessoas com os seus lugares, registros fotográficos ou outra metodologia que permita compreender como esta relação determina a forma como as pessoas se expõem a riscos, adoecem e são cuidadas (ou não) pelo sistema de saúde.

Dessa forma, a presente pesquisa que tem como público os feirantes, moradores do entorno e consumidores da Feira da Prata. Os procedimentos práticos de coleta de dados e informações foram: a) Levantamento bibliográfico; b) Trabalho de campo exploratório; c) Aplicação de questionários; d) Realização de entrevistas; e) Elaboração de mapas mentais; f) Registro fotográfico; g) Visitas ao local para execução de diagnóstico ambiental.

O procedimentos de análise foram: a) Análise simples de questionários; b) Análise do discurso do sujeito coletivo; c) Análise semiótica de imagens paradas; d) Representação espacial (produção de mapas de risco, prevenção e promoção a saúde).

Nesse sentido, o presente capítulo estará dividido em duas partes: a primeira irá contemplar as técnicas utilizadas para o alcance de cada objetivo exposto da pesquisa. A segunda parte irá esclarecer sobre as técnicas utilizadas para a análise das informações coletadas durante todo o trabalho.

4.1 técnicas de coleta

As coletas de dados e informações são parte importante da pesquisa, isso porque são a materialização de toda a organização e planejamento. Se o pesquisador não seguir com rigor uma metodologia para a coleta desses materiais, a pesquisa pode não ter o resultado esperado. Dessa forma, para um melhor entendimento por parte do leitor e organização, a presente parte será bem detalhada, para evitar possíveis equívocos em relação à leitura.

4.1.1 Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico é parte indispensável para a sistematização da pesquisa, ele fornece a segurança e o entedimento acerca de questões teóricas e metodológicas. Na presente pesquisa o levantamento bibliográfico foi realizado a partir de leituras relacionadas à concepção das feiras livres ao longo da história, sua interferência no cotidiano das pessoas e vice-versa. Na fundamentação teórica, foi observado como ocorre a inserção da percepção da população, dos comerciantes sobre as influências na modificação da paisagem, onde foram revisados elementos como paisagem, lugar, qualidade de vida, planejamento urbano. Além disso buscou-se entender a feira no viés do espaço vivido, e como esta tem influenciado na qualidade de vida de quem vivencia aquele ambiente.

4.1.2 Trabalho de campo exploratório

O trabalho de campo exploratório foi realizado a partir da visita a setores da Prefeitura Municipal de Campina Grande (secretaria de saúde, secretaria de infraestrutura, secretaria de planejamento, etc), museus, bibliotecas públicas (municipal e de Institutos de Ensino Superior) e visitas exploratórias ao local para identificação de alguns dos possíveis elementos da paisagem que pudessem interferir na qualidade de vida dos que vivenciam o local. Essas visitas ajudaram no processo de reconhecimento da feira através de documentos e do contato com os sujeitos pesquisados.

4.1.3 A aplicação de questionários

A aplicação dos questionários foi uma etapa bastante delicada da pesquisa, tendo sido dividida em duas fases: a primeira referente à aplicação de questionários pilotos e a segunda referente à aplicação de questionários reais.

Na fase piloto de aplicação foram aplicados cerca de 132 questionários, sendo 4 referentes aos moradores do entorno da Feira, 68 aos consumidores e 60 aos feirantes. A etapa teste dos questionários serviu como base para reavaliação dos questionamentos e reformulações de perguntas para um melhor entendimento do público alvo.

Na fase real de aplicação dos questionários, foram aplicados cerca 406 questionários reais, sendo 10 para os moradores do entorno, 228 para os consumidores e

168 para os feirantes. O critério para o quantitativo de questionários aplicados foi tirado com base de 30% da amostragem real.

No que diz respeito especificamente aos consumidores, o cálculo da quantidade de questionários foi realizado após a observação durante uma hora da quantidade de consumidores que circulavam em horário de maior movimentação, somando a quantidade de consumidores que circulavam em horário de menor movimentação (observação por uma hora). Dividido por dois, tendo-se assim uma média simples dos que circulavam como consumidores. Desse quantitativo calculou-se 30%.

4.1.4 realização de entrevistas individuais

As entrevistas foram realizadas com dois representantes de cada grupo estudado e previamente escolhidos, segundo critérios estabelecidos (maior tempo de convívio com a Feira, aceite em realizar a entrevista). Foram realizadas seis entrevistas (dois com comerciantes, dois com consumidores e dois com moradores do entorno).

4.1.5 Elaboração de mapas mentais

De acordo com Archela et al. (2004) os mapas mentais são considerados como imagens espaciais que os indivíduos constroem dos lugares, por isso, as representações podem ser do espaço vivido das pessoas, tendo aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais. Dessa forma, visualizamos o mapa mental como a própria representação do vivido, da experiência, dos sentidos e das relações que os indivíduos desenvolvem ao interagirem com os lugares.

O uso de mapas mentais nesta pesquisa foi realizado com feirantes, consumidores e moradores do entorno da Feira da Prata com o objetivo de conceber, na visão desses indivíduos, como eles consideravam esse estabelecimento antes e depois da requalificação ocorrida em meados do ano de 2009. Vale salientar que os nomes aqui citados são meramente fictícios, escolha essa respeitada, pois ao assinar o termo de consentimento e livre esclarecido do comitê de ética, os sujeitos pesquisados optaram por essa modalidade de anonimato. O mapa mental foi auxiliado pela realização de uma entrevista e por conversas feitas com os sujeitos pesquisados. As entrevistas foram de suma importância, pois auxiliaram no entendimento dos aspectos materializados no

mapa mental, assim também, como as conversas; estas, por sua vez, auxiliaram em uma melhor compreensão do que o indivíduo representou.

4.1.6 Registro fotográfico

O registro fotográfico subsidiou as análises dos mapas mentais, pois foi possível identificar elementos apontados pelos sujeitos em campo, servindo como corroboração de informações.

4.1.7 Visitas ao local para execução de diagnóstico ambiental

As visitas aos locais serviram como base para atualização das informações, como também para corroboração de toda a análise feita de acordo com a técnica analisada, servindo de suporte para a concretização da pesquisa.

4.2 Técnicas de análise

Outra etapa fundamental para a concretização do trabalho esteve voltada para as técnicas de análise, ou seja, técnicas que possibilitaram além da organização e da sistematização do material coletado a sua devida interpretação e análise. É preciso salientar como nos lembra Souza Júnior (2009) que as técnicas são a materialização do método, é a forma como se operacionaliza o método.

4.2.1 Análise simples de questionários

A análise dos questionário foi realizada de forma simples, sendo organizados e quantificados elementos como idade, sexo, local de residência. Esses elementos foram agrupados para a produção de gráficos e tabelas.

4.2.2 Análise do discurso do sujeito coletivo

Quando queremos abstrair um discurso de uma coletividade, recorreremos a uma técnica de análise bastante interessante, o Discurso do Sujeito Coletivo (doravante DSC). De acordo com Lefèvre & Lefèvre (2003) o DSC consiste em analisar o material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos artigos, cartas, *papers*, ideias centrais, suas ancoragens e suas respectivas expressões-chave; com as expressões-chave das ideias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos-sínteses na primeira pessoa do singular.

Na presente pesquisa o uso da técnica teve como objetivo interpretar o discurso dos feirantes, moradores do entorno e consumidores da Feira da Prata através das entrevistas realizadas.

As figuras metodológicas para a construção do DSC são três: expressões-chave; ideias centrais e ancoragem. No quadro 01 abaixo podemos observar o significado de cada uma delas:

Quadro 01 – Figuras metodológicas do Discurso do Sujeito Coletivo

Figura Metodológica	Significado
Expressões-chave (ECH)	São pedaços, trechos ou transições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, iluminadas, coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se dividem o depoimento (que em geral, correspondem a questões da pesquisa)
Ideia central (IC)	É uma expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo das expressões-chave (ECH), que vai dar nascimento, posteriormente, aos Discursos dos Sujeitos Coletivos.
Ancoragem (AC)	Algumas ECH remetem não a uma IC correspondente, mas a uma figura metodológica que, sob a inspiração da teoria da representação social, denomina-se ancoragem
Fonte: Lefèvre & Lefèvre (2003, p. 17) Adaptado por Nogueira (2013)	

Observamos desse modo, que o DSC funciona como uma espécie de sondagem de todo o conteúdo coletado pelo pesquisador, sendo caracterizado como uma minuciosa análise do material. Vale salientar que o DSC é usado nos mais diversos tipos de materiais, como por exemplo: entrevistas, artigos, notícias entre outros.

Como em toda pesquisa o planejamento é de suma importância, é um dos fatores que leva ao sucesso e concretização do trabalho, evitando assim, esforços desnecessários e desperdício de dinheiro; para a utilização do DSC é indispensável que o pesquisador entenda o que significa a técnica e para qual fim ele deseja utilizá-la. Nesta pesquisa, a técnica casou bem com o objetivo de entender como os indivíduos vivenciam a feira (feirantes, moradores do entorno e consumidores). Porém, para que a

técnica fosse usada, primeiro realizou-se um trabalho de campo, elaboração de tópico guia e realização de entrevistas, procedimentos organizados.

4.2.3. Análise semiótica de imagens paradas

A análise semiótica de uma forma geral oferece ao pesquisador conceber um significado para determinado material, como por exemplo: imagens paradas e imagens em movimento. No caso específico desse estudo, utilizou-se a análise semiótica de imagens paradas.

O recurso metodológico em si é pautado na Semiótica, onde temos de acordo com Iasbeck (2010), a ciência que estuda os significados. Dessa forma, a análise semiótica tem por base elementos comuns à nossa realidade, os signos:

O signo – conceito de base da semiótica do norte-americano Charles Peirce – é tudo aquilo que nos chega da realidade, que nos é dado perceber e que, portanto, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela, uma parte ou uma dimensão que representa o todo, na impossibilidade de que ele apareça em sua plenitude. Traduzindo em miúdos, o signo é todo sinal de realidade, toda marca que representa algo que está fora dele, mas de que, em algumas casos, ele é parte. Assim, os nomes não são as coisas nem as pessoas, mas as representações das ausências; os símbolos representam outros sentimentos, fenômenos e objetos que jamais caberiam inteiramente naquele sinal/símbolo; alguns símbolos são marcas de seus objetos (como as nuvens negras que pronunciam chuva, as pegadas que sinalizam a presença física de alguém). Todos nós conhecemos os signos e nos referimos sempre a eles quando falamos de *significado ou significação*. Ou seja, tudo o que é signo quer dizer algo, tem um significado. Temos de admitir que tudo tem significado, mesmo quando não sabemos dizer qual é. Portanto, tudo é signo. (IASBECK 2010, P. 194)

Dessa forma, entendemos nesse trabalho que as fotografias não são apenas “fotografias” no sentido banal da palavra, elas apresentam elementos que representam a realidade em um determinado momento da sociedade, possuindo seus próprios signos, ou seja, cada fotografia de acordo com Coutinho (2010) representa um recorte da sociedade ou de um fato, enfatizando escolhas tidas a partir do fotógrafo. Sendo assim, as imagens a serem analisadas não pertencem à realidade objetiva, mas à forma subjetiva do olhar humano ao capturar a imagem.

Nesse sentido, tendo por base a discussão de Penn (2002) podemos observar a seguir o quadro 02, que explica melhor os procedimentos necessários para a realização de uma análise semiótica.

Quadro 02 : Etapas para a realização da análise semiótica em imagens paradas

Etapa	caracterização da etapa
Escolhendo o material	Escolha das imagens a serem analisadas, identificando qual material é mais adequado para o objetivo da pesquisa.
Inventário Denotativo	Criação de um inventário sobre as características do material, como por exemplo: cor e localização.
Níveis mais altos de significação	Elencar os elementos que mais se destacam no material, observar como os elementos se relacionam, que conhecimentos são necessários para entender o material.
Quando parar	Observar o momento certo de o parar, vendo se a análise ofereceu subsídios ao enfoque do problema.
Relatório	Escolher uma forma de apresentação para os elementos destacados no material.
Fonte: Penn (2002), adaptado por Nogueira, (2013).	

Dessa forma, optou-se pela análise semiológica, pelo fato de fornecer a este trabalho o subsídio para entender os elementos contidos na Feira da Prata que foram fotografados em campo.

4.2.4 Análise da representação espacial

A análise da representação espacial diz respeito á elaboração dos mapas de risco, prevenção e promoção á saúde; esses subsidiados pelas fotografias coletadas em campo, aplicação de questionários e realização de entrevistas,

4.2.4.1 Mapa de risco

Para a realização do estudo, em relação aos riscos de saúde presentes na Feira da Prata, a pesquisa fez uso da metodologia do mapa de risco embasado no modelo Operário Italiano. Nesse sentido, os mapas de risco são:

uma representação gráfica de um conjunto de fatores presentes nos locais de trabalho, capazes de acarretar prejuízos à saúde dos trabalhadores. Tais fatores se originam nos diversos elementos do processo de trabalho (materiais, equipamentos, instalações, suprimentos, e nos espaços de trabalho, onde ocorrem as transformações) e da forma de organização do trabalho (arranjo físico, ritmo de trabalho, método de trabalho, turnos de trabalho, postura de trabalho, treinamento etc.) (MATTOS & FREITAS, 1994, p. 251).

De acordo com Moreira et al. (2006), o Modelo Operário (MO) foi formulado no final dos anos 60, por operários Italianos, com ação conjunta de técnicos de diversos ramos do conhecimento. O MO representa um método de trabalho centrado no homem, o qual apresenta como objetivo a investigação de agentes formuladores de risco existentes no âmbito de trabalho. A metodologia visa a reconstruir a dinâmica de trabalho pelos próprios indivíduos. É importante frisar que o modelo não visa apenas a especificação de riscos, mas busca relacioná-los a problemas de saúde, que esses riscos produzem.

O MO possui quatro conceitos básicos que o sustentam em relação à operacionalidade, como se pode observar a seguir:

- a) **Valorização da experiência ou subjetividade operária** - Ao estudar a relação trabalho-saúde, algumas concepções não levam em conta a experiência e opinião dos trabalhadores. Estes são considerados enquanto objeto de estudo, e os pesquisadores como sujeitos "neutros", equidistantes de pontos de vista conflitantes. No Modelo utilizado, a experiência operária faz parte da essência do método. Valorizá-la significa ter acesso e possibilidade de sistematizar um saber não disponível em abordagens mais tradicionais, mesmo naquelas tecnicamente mais sofisticadas.
- b) **Não delegação da produção do conhecimento como consequência do conceito anterior** - os trabalhadores são não só fonte de informação, mas também os próprios sujeitos da investigação. O saber acadêmico acumulado também é utilizado, pois geralmente diferentes especialistas participam como assessores de estudos baseados nessa metodologia.
- c) **Levantamento das informações por grupos homogêneos de trabalhadores** - A sistematização da experiência dos trabalhadores ocorre através de uma entrevista, estruturada em grupos de riscos

ocupacionais que é preenchida coletivamente por um grupo homogêneo, isto é, um grupo que compartilhe condições de trabalho iguais. Portanto, a unidade de observação não é o indivíduo, como em muitas abordagens, mas o coletivo.

d) **Validação consensual das informações** – No levantamento dos dados, só se registram aquelas observações que o grupo homogêneo em seu conjunto reconhece como corretas ou válidas. Dessa maneira, os resultados levantados são validados consensualmente, controlando-se a variabilidade individual de opiniões (FACCHINI et al. 1991, p.395).

Nesse sentido, com base nesse procedimento, são identificados quatro grupos de riscos tidos pelo MO. Grupo 1: riscos que estão presentes no ambiente dentro e fora do local de trabalho - temperatura, iluminação, ruído, umidade e ventilação; Grupo 2: riscos característicos do ambiente de trabalho - poeiras/pós, gases, vapores e fumaças; Grupo 3: riscos referentes à fadiga derivada do esforço físico - levantamento e transporte de peso excessivo, posição viciosa; e Grupo 4: riscos capazes de provocar estresse ou tensão emocional - monotonia, ritmos excessivos, repetitividade, ansiedade e responsabilidade (FACCHINI et al., 1991).

A aplicabilidade do MO se materializa a partir de duas etapas: a primeira é ligada à observação qualitativa de agentes nocivos à saúde; a segunda está ligada à aplicação de questionários que levem em consideração a especificação dos grupos de riscos mencionados anteriormente. A partir das informações coletadas, é possível elaborar o mapa de risco que irá conter a síntese do processo de trabalho somado a fatores de risco (MOREIRA et al., 2006).

Tendo a gênese no berço operário italiano, o MO pode, sem dúvida alguma, ser aplicado e repensado para outros ambientes. É com base nessa reflexão que a presente pesquisa se utiliza de tal metodologia. No entanto, algumas limitações são encontradas quando se pensa na aplicabilidade do próprio modelo, precisando, então, externar algumas dessas limitações, a saber: a) a pesquisa não trabalhou apenas com feirantes, trabalhou também com consumidores e moradores do entorno; b) dificuldade em reunir representantes em quantidade considerável de cada grupo (consumidores, moradores e feirantes); dificuldade em realizar entrevistas, uma vez que os próprios feirantes

possuem a responsabilidade de cuidar do ponto comercial, além do fator da indisponibilidade de tempo por parte dos consumidores e moradores do entorno. Porém, devido a tais limitações, sem perder o foco do MO, a pesquisa buscou mecanismos acessíveis à aplicabilidade da técnica. Nesse sentido, os questionários foram aplicados com os feirantes, consumidores e moradores do entorno, as entrevistas foram realizadas com dois representantes de cada grupo (feirantes, consumidores e moradores do entorno), com relação aos aspectos de risco, ao invés de se fazer uso dos quatro grupos colocados pelo MO. Assim sendo, preferiu-se utilizar oito grupos colocados por (SIVIERI, 1995. APUD MOREIRA, 2006.P. 209):

1. Riscos Físicos: presentes dentro ou fora do ambiente de trabalho, eles compreendem: as radiações ionizantes e não ionizantes, as temperaturas extremas, as pressões anormais, iluminação deficiente ou excessiva, ventilação, vibrações, ruído, umidade, iluminação;

2. Riscos Químicos: são aqueles resultantes do contato ou manuseio no processo de trabalho com produtos químicos em geral, inclusive poeira, fumos, névoas, vapores, gases, e outros;

3. Riscos Biosanitários: são os decorrentes das ações de agentes biológicos tais como: vírus, bactérias, fungos, animais, parasitas, bacilos, órgãos de animais em decomposição, hormônios e outros. O risco de contaminação é agravado pela precariedade das condições de asseio e higiene nos locais de trabalho, incluindo vestuários, banheiros, refeitórios etc.; das condições de acondicionamento, transporte e destino do lixo; e de captação e tratamento dos esgotos;

4. Riscos Ergonômicos: são os relacionados às atividades motrizes que dão origem à fadiga anátomo-fisiológica, gerada pelo esforço das estruturas musculares empregado na execução do trabalho. Correspondem aos esforços físicos, aos movimentos repetitivos, aos ritmos de trabalho, às condições do ambiente de trabalho etc.;

5. Riscos Psicológicos: são relacionados às condições de trabalho, capazes de promover formas de desgaste e sofrimento mental, bem como capazes de levar a manifestações graves de estresse, distúrbios e até mesmo doenças mentais. Salienta-se a monotonia do trabalho, a concentração, a repetitividade, responsabilidade, jornada, horas extras, pressão dos chefes, autoritarismo, acúmulo de tarefas, trabalho noturno, trabalho em turnos, controle e fiscalização do trabalho;

6. Riscos de segurança: são considerados aqueles que comprometem a segurança dos trabalhadores nos locais de trabalho e que são desencadeadores do acidente (condições do maquinário e dos

equipamentos, das instalações elétricas, dos pisos, dos elevadores, do manuseio de matérias e produtos inflamáveis, explosivos ou cortantes etc.);

7. Riscos Sociais: são relacionados às condições de vida dos trabalhadores, são os determinantes sociais do processo saúde-doença (condições de transporte, padrão alimentar, condições de moradia, lazer, etc.)

8. Riscos ambientais: são os resultantes de certo processo produtivo ou de certa organização da produção e do trabalho que atuam agredindo o meio ambiente comprometendo o equilíbrio dos ecossistemas, promovendo impactos sobre as coletividades humanas, inclusive os consumidores. Inserem-se, neste, grupo os rejeitos sólidos, os resíduos líquidos, transporte de materiais, etc.

Identificados e agrupados os riscos por grupos, a segunda etapa consistiu na representação material dos riscos através do mapa.

4.2.4.2 Mapa de prevenção

O mapa de prevenção à saúde reflete elementos encontrados na paisagem que possam indicar prevenções à doenças existentes. Nesse sentido, os oito grupo do mapa de risco se adaptam bem a esse recurso metodológico, pois a partir desses grupos o pesquisador tem uma maior facilidade em mapear os elementos encontrados na paisagem de prevenção à saúde.

4.2.4.3 Mapa de promoção

O mapa de promoção à saúde irá focar em aspectos gerais no que diz respeito à saúde das pessoas que vivenciam a Feira da Prata. Nesse sentido os elementos encontrados a partir da paisagem de promoção à saúde irão servir de subsídio para a materialização do mapa. Vale salientar a dimensão da promoção à saúde é bastante complexa, uma vez que quando se trabalha com ela, está se trabalhando com o bem estar geral da sociedade:

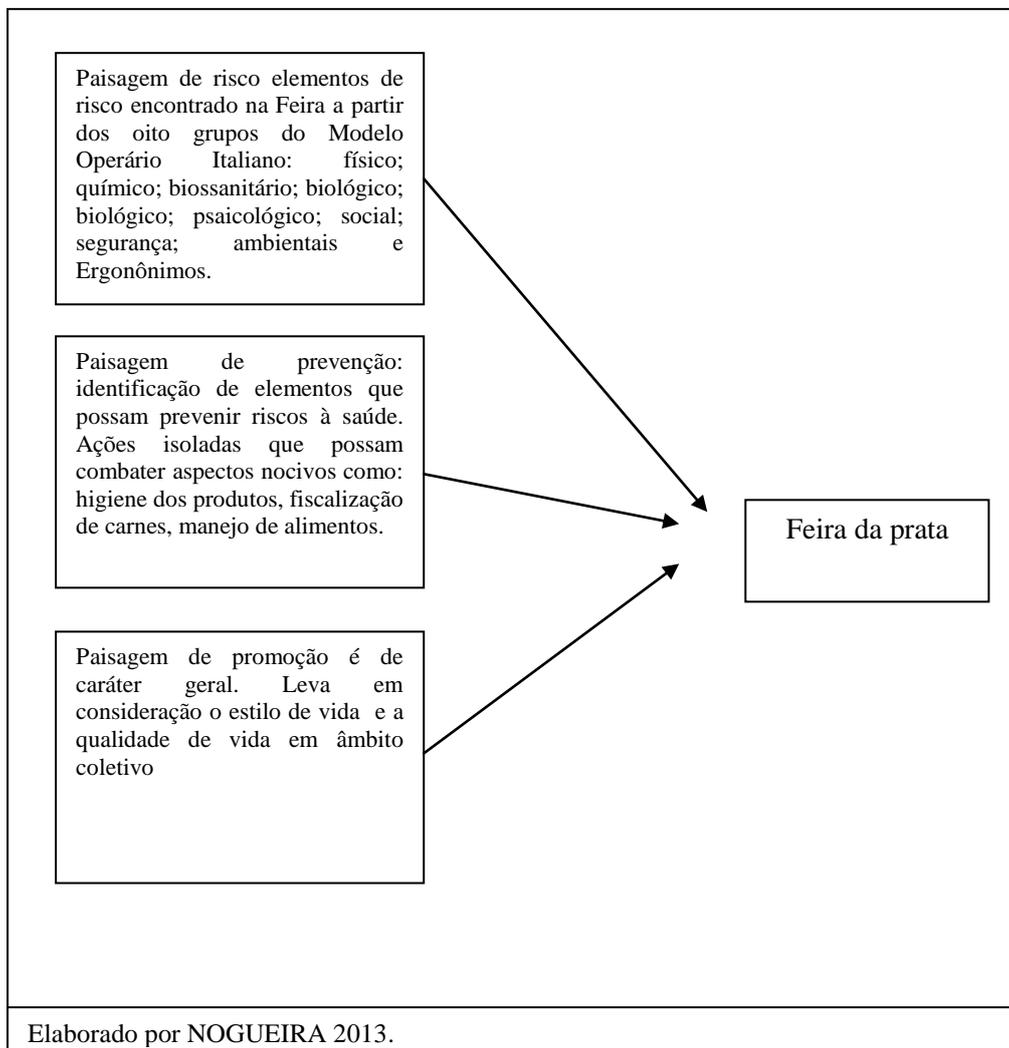
Promover tem o significado de dar impulso a; fomentar; originar; gerar (FERREIRA, 1986). Promoção da saúde define-se, tradicionalmente, de maneira bem mais ampla que prevenção, pois

refere-se a medidas que "não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem-estar gerais" (LEAVELL & CLARCK, 1976, p. 19). As estratégias de promoção enfatizam a transformação das condições de vida e de trabalho que conformam a estrutura subjacente aos problemas de saúde, demandando uma abordagem intersetorial (TERRIS, 1990). (CZERESNIA, 2003, p. 4)

Nesse sentido, tendo por base Buss (2012), o mapa de promoção à saúde irá ter como orientação dois grandes grupos: o primeiro ligado a uma esfera transformadora dos indivíduos através de elementos educativos voltados para uma orientação sobre riscos comportamentais passíveis de mudanças, que estariam, pelo menos em parte, sob o controle dos próprios indivíduos. O segundo grupo é referente à saúde como sendo produto de um amplo espectro de fatores relacionados com a qualidade de vida, incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, e de habitação e saneamento; boas condições de trabalho; oportunidades de educação ao longo de toda a vida; ambiente físico limpo; apoio social para famílias e indivíduos; estilo de vida responsável; e um espectro adequado de cuidados de saúde. Suas atividades estariam, então, mais voltadas ao coletivo de indivíduos e ao ambiente, compreendido num sentido amplo, de ambiente físico, social, político, econômico e cultural, através de políticas públicas e de condições favoráveis ao desenvolvimento da saúde (as escolhas saudáveis serão as mais fáceis) e do reforço (*empowerment*) na capacidade dos indivíduos e das comunidades.

Localizados esses fatores que compõem as paisagens de risco, prevenção e promoção a saúde, será materializado um mapa que tem como base a planta baixa da Feira da Prata. Abaixo podemos visualizar um esquema que configura bem a ideia da materialização dos elementos ligados ao Risco, Prevenção e Promoção à Saúde:

Esquema 02: Feira da Prata e seus elementos de risco, prevenção e Promoção a saúde



*A Terra**(Mário Quintana)*

*As fronteiras foram riscadas no mapa,
a Terra não sabe disso:
são para ela tão inexistentes
como esses meridianos com que os velhos sábios a recortavam
como se fosse um melão.
É verdade que vem sentindo há muito uns pruridos,
uma leve comichão que às vezes se agrava:
ela não sabe que são os homens...
Ela não sabe que são os homens com as suas guerras
e outros meios de comunicação.*

5. ESTRUTURA, TRABALHO E BEM ESTAR NA FEIRA DA PRATA

Estrutura, trabalho e bem estar na Feira da Prata versa sobre os resultados obtidos a partir de todo trabalho empenhado na pesquisa, desde o levantamento bibliográfico até a construção dos mapas a partir dos materiais coletados em campo.

5.1 Feira da Prata: perfil dos seus frequentadores

O presente item tem por objetivo mostrar o perfil dos sujeitos pesquisados durante o trabalho de Campo. Nesse sentido serão veiculadas informações gerais sobre renda, sexo, faixa etária, nível de escolaridade, ou seja, um panorama sobre os consumidores, moradores do entorno e feirantes que vivenciam a Feira da Prata.

5.1.1 Consumidores

Foi aplicado um total de 221 questionários com os consumidores da Feira da Prata. Podemos observar um perfil dos consumidores da Feira da Prata na tabela 01 a seguir:

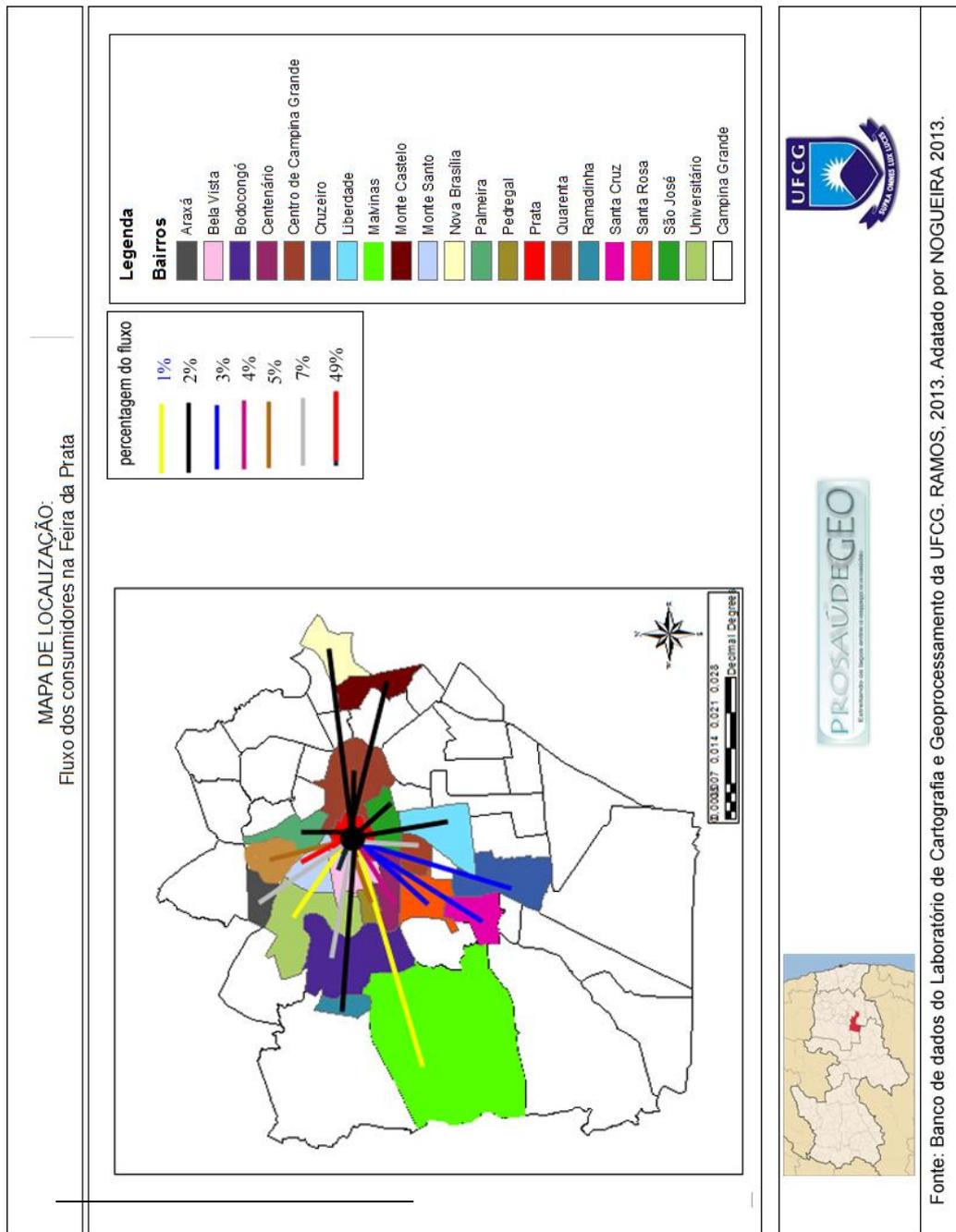
Tabela 01 – Perfil dos consumidores da Feira da Prata

Sexo	Masculino	Feminino			
	51%	49%			
Escolaridade	Analfabetos	fundamental	Médio	Superior	
	4%	47%	32%	17%	
Residência	Campina Grande	Alagoa Noba	Ibutinga (PE)	Queimadas	Sousa
	96%	1%	1%	1%	1%
Renda	Menos que 1 salários mínimos	Entre 1 e 3 salários mínimos	Entre 4 e 6 salários mínimos	Entre 7 e 9 salários mínimos	Entre 10 e 12 Salários mínimos
	13%	73%	3%	3%	2%

Fonte: NOGUEIRA, 2012. Nota: Dados baseados na aplicação dos questionários junto aos consumidores

Dos que residem em Campina Grande, obtiveram maiores predominâncias os que moram nos bairros: Palmeira, Monte Santo, Prata, Centro, ou seja, áreas da Zona Norte da cidade de Campina Grande, que ficam bastante próximas ao bairro da Prata, como podemos observar no mapa⁸ a seguir:

Mapa 01: Fluxo dos consumidores na Feira da Prata



⁸ No mapa a seguir os fluxos foram colocados de forma que representam apenas as cores, ou seja, a soma pela legenda não dá 100%, pois não se repetiu cores na legenda. Olhando o mapa observamos que a soma dá 100%, pois os fluxos de mesma cor se repetem mais de uma vez chegando até 100%

Observamos que a zona Norte da cidade de Campina Grande é aquela na qual reside boa parte dos consumidores. Vale salientar também que bairros distantes da Prata também possui em consumidores, como o caso da Liberdade, das Malvinas e do Quarenta.

5.1.2 Moradores do entorno

Com os moradores do entorno da Feira da Prata, foram aplicados um total de 14 questionários, a seguir na tabela 02 podemos observar o perfil dos moradores:

Tabela 02 – Perfil dos moradores do entorno da Feira da Prata

Sexo	Masculino	Feminino		
	50%	50%		
Escolaridade	Fundamental	Médio	Superior	
	57%	29%	14%	
Domicílio	Próprio	Alugado		
	43%	57%		
Renda	Menos que 1 salários mínimos	Entre 1 e 3 salários mínimos	Entre 3 e 4 salários mínimos	Não responderam
	14%	57%	22%	7%
Tempo de residência no bairro	Há 20 anos	De 20 anos a 40 anos	De 40 a 70 anos	
	29%	50%	21%	

Fonte: NOGUEIRA, 2012. Nota: Dados baseados na aplicação dos questionários junto aos Moradores do entorno da Feira da Prata.

5.1.3 Feirantes

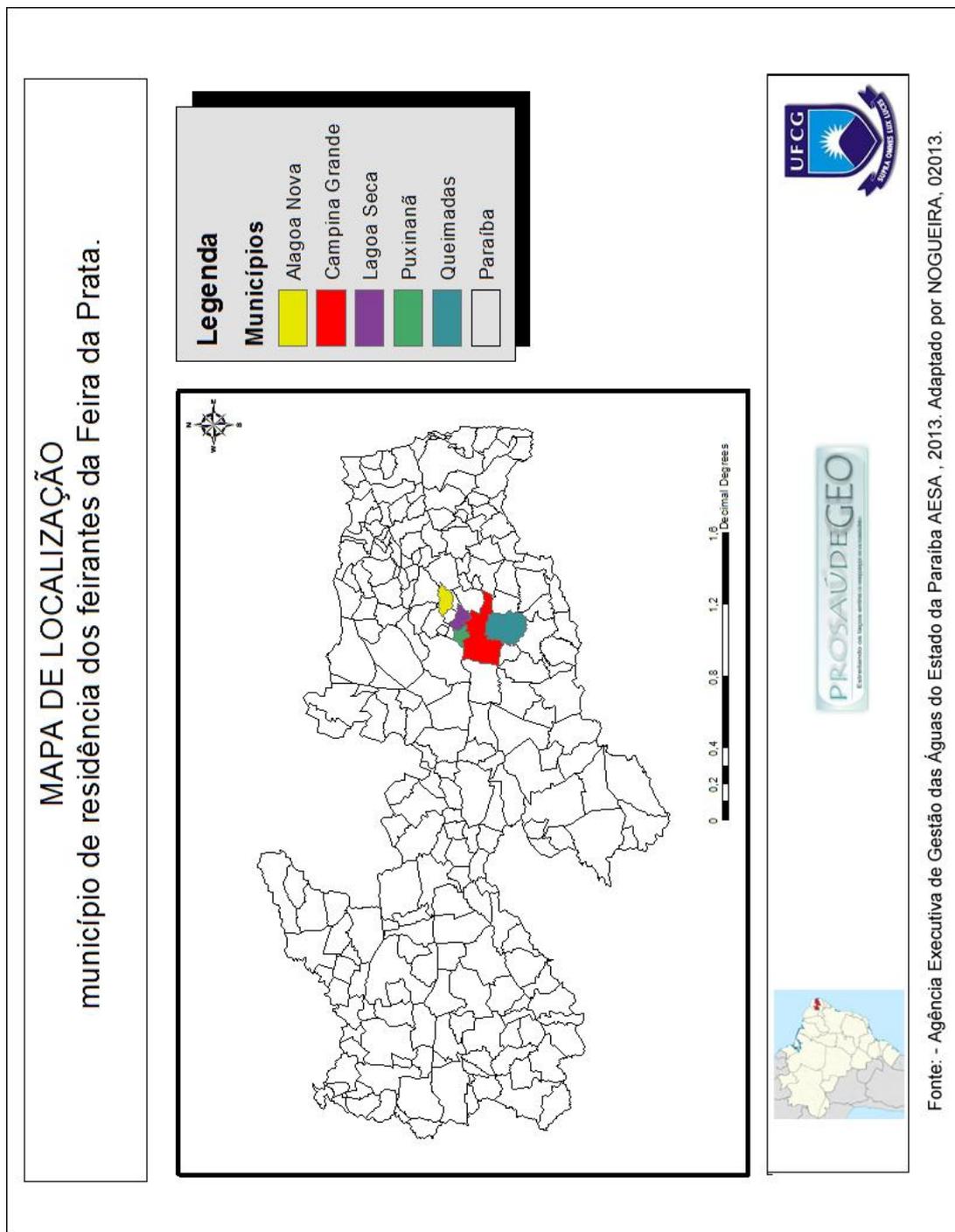
Com relação aos feirantes, foram aplicados em torno de 168 questionários como podemos observar na tabela 03 a seguir:

Tabela 03 – Perfil dos Feirantes da Feira da Prata

Sexo	Masculino	Feminino			
	54%	46%			
Escolaridade	Analfabetos	Fundamental	Médio	Superior	
	9%	56%	33%	2%	
Residência	Campina Grande	Lagoa Seca	Alagoa Nova	Queimadas	Puxinanã
	84%	3%	8%	1%	2%
Renda	Menos que 1 salários mínimos	Entre 1 e 3 salários mínimos			
	61%	39%			

Fonte: NOGUEIRA, 2012. Nota: Dados baseados na aplicação dos questionários junto aos Feirantes da Feira da Prata.

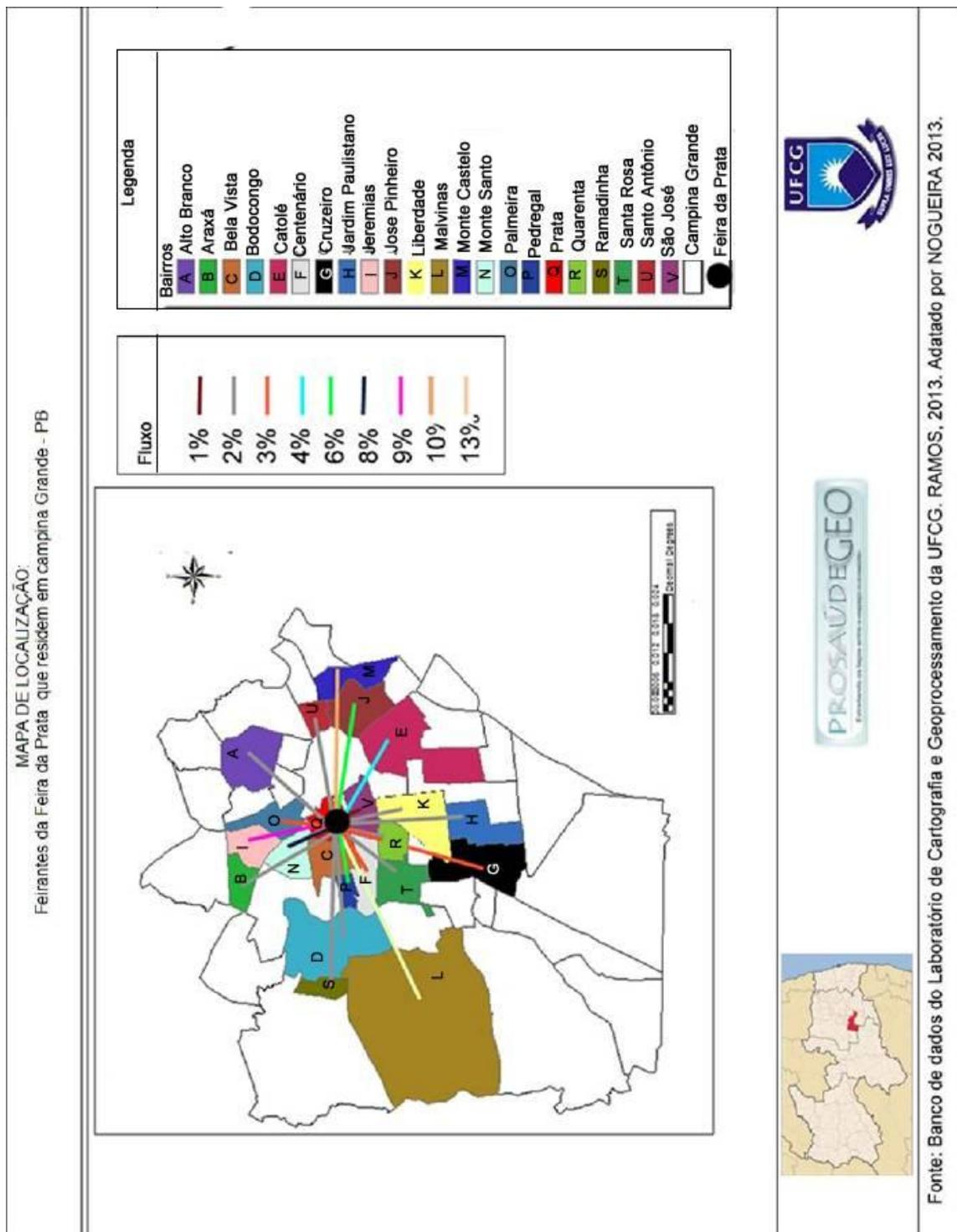
Mapa 02: Município de residência dos Feirantes que trabalham na Feira da Prata



Dos feirantes que residem na Cidade de Campina Grande, boa parte deles residem em bairros como Jeremias, Monte Santo e Palmeira. Outros bairros, como Bodocongó e Ramadinha foram também apontados, só que, em menor proporção, como podemos observar no mapa⁹ a seguir:

⁹ No mapa os fluxos foram colocados de forma que representam apenas as cores, ou seja, a soma pela legenda não dá 100%, pois não se repetiu cores na legenda. Olhando o mapa observamos que a soma dá 100%, pois os fluxos de mesma cor se repetem mais de uma vez chegando até 100%.

Mapa 03: Feirantes que trabalham na Feira da Prata e residem em Campina Grande – PB.



Os tipos de atividades exercidas, na Feira da Prata, são bastante diversificadas. Pode-se observar essa relação na tabela a seguir:

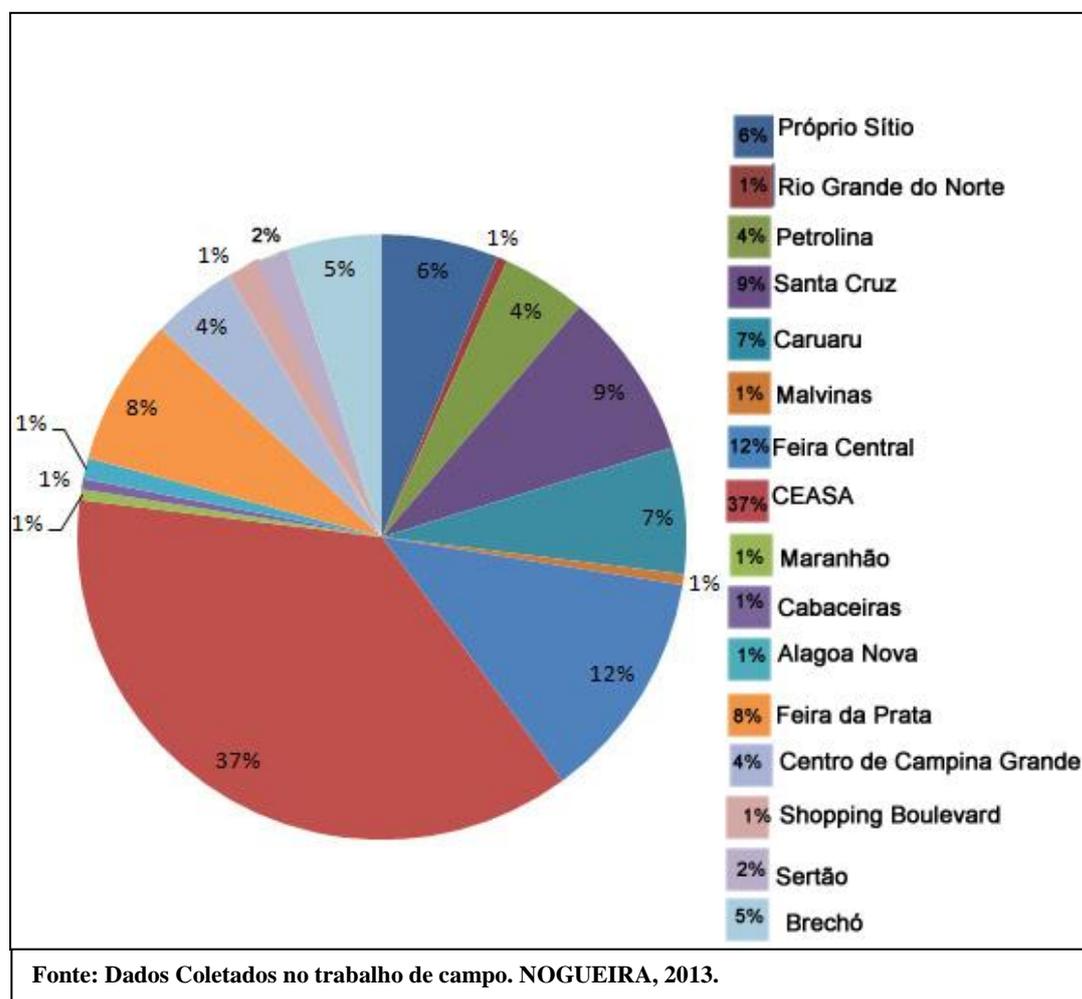
Tabela 04 – Tipo de atividade desenvolvida pelos feirantes

Tipo de atividade	Quantidade dos feirantes (%)
Hortifrutigranjeiros	34
Roupas e calçados	22
Comércio de Cds	1
Doces	2
Alimentos prontos	1
Cigarros	7
Carnes	8
Laticínios	2
Miudezas	1
Verduras	2
Plantas medicinais	3
Ferramentas	7
Eletrônicos	1
Total	100

Fonte: NOGUEIRA, 2012. Nota: Dados baseados na aplicação dos questionários junto aos feirantes

Com relação à origem dos produtos comercializados na Feira da Prata, boa parte dos feirantes colocaram a Central de Abastecimento (CEASA), ligada ao Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC). Já parte dos feirantes colocaram que os produtos comercializados por eles são originais do próprio sítio. E essa relação pode ser observada com mais detalhe no gráfico a seguir:

Gráfico 01: Origens dos produtos comercializados pelos feirantes na Feira da Prata



Quando perguntados se comercializavam em outras feiras, 4% colocaram que comercializam em Puxinanã; 25% na Feira Central; 1% em Alagoa Nova; 2% no CEASA; 60% só na Feira da Prata; 1% em Cabaceiras; 3% em Feira de Gado de Puxinanã; 1% na Arca Titão (Centro de Campina Grande); 1% em Sumé e 2%, no bairro da Liberdade. É importante observar que boa parte dos feirantes que comercializam na Feira da Prata e possuem comércio na Feira Central possuem boxe, ou seja, trabalham durante a semana toda na Feira Central, e, no dia de domingo, vão comercializar na Feira da Prata.

Quando perguntados sobre a renda mensal, 61% dos feirantes colocaram que ganham menos de um salário por mês na Feira da Prata, enquanto que 39% disseram que ganham entre um a três salários mínimos. Com relação ao frete, 43% dos feirantes

afirmaram que não possuem gastos , já 57% dos feirantes afirmaram ter sim custos com frete, esses variam de 25 a 200 reais por mês.

5.1.4 Uma Feira Livre do feio!

Ao realizar todos os procedimentos metodológicos da pesquisa, surge um questionamento em relação à Feira da Prata: esta é classificada pela administração como sendo uma Feira livre. No entanto, esse axioma só reflete contradições dentro da própria Feira da Prata, uma vez que a mesma passa a ser cercada e regida por regras administrativas que muitas vezes entram em choque com os feirantes.

A Feira em si é um ambiente de caos, de desorganização, regida por leis próprias, pelas pessoas que fazem a Feira, pois ela é um fenômeno espontâneo. Ao padronizar a Feira da Prata, os feirantes conotaram a perda dessas características, a perda da espontaneidade. Um exemplo deste fato foi a colocação da cerca ao redor da feira, alvo de crítica por 13% dos feirantes. Para eles a cerca possui um sentido de “aprisionamento” de controle, de perda da naturalidade, ou seja, a Feira da Prata acabou perdendo o seu caráter de “livre”. Vale salientar que muito desses feirantes não reprovam a atual estrutura da Feira; na visão deles a Feira deveria ser apenas calçada e coberta, facilitando assim o trabalho desses profissionais, pois a clientela teria mais visão dos seus produtos e assim os feirantes ganhariam mais dinheiro. A seguir podemos visualizar uma imagem da cerca que foi colocada ao redor da Feira:

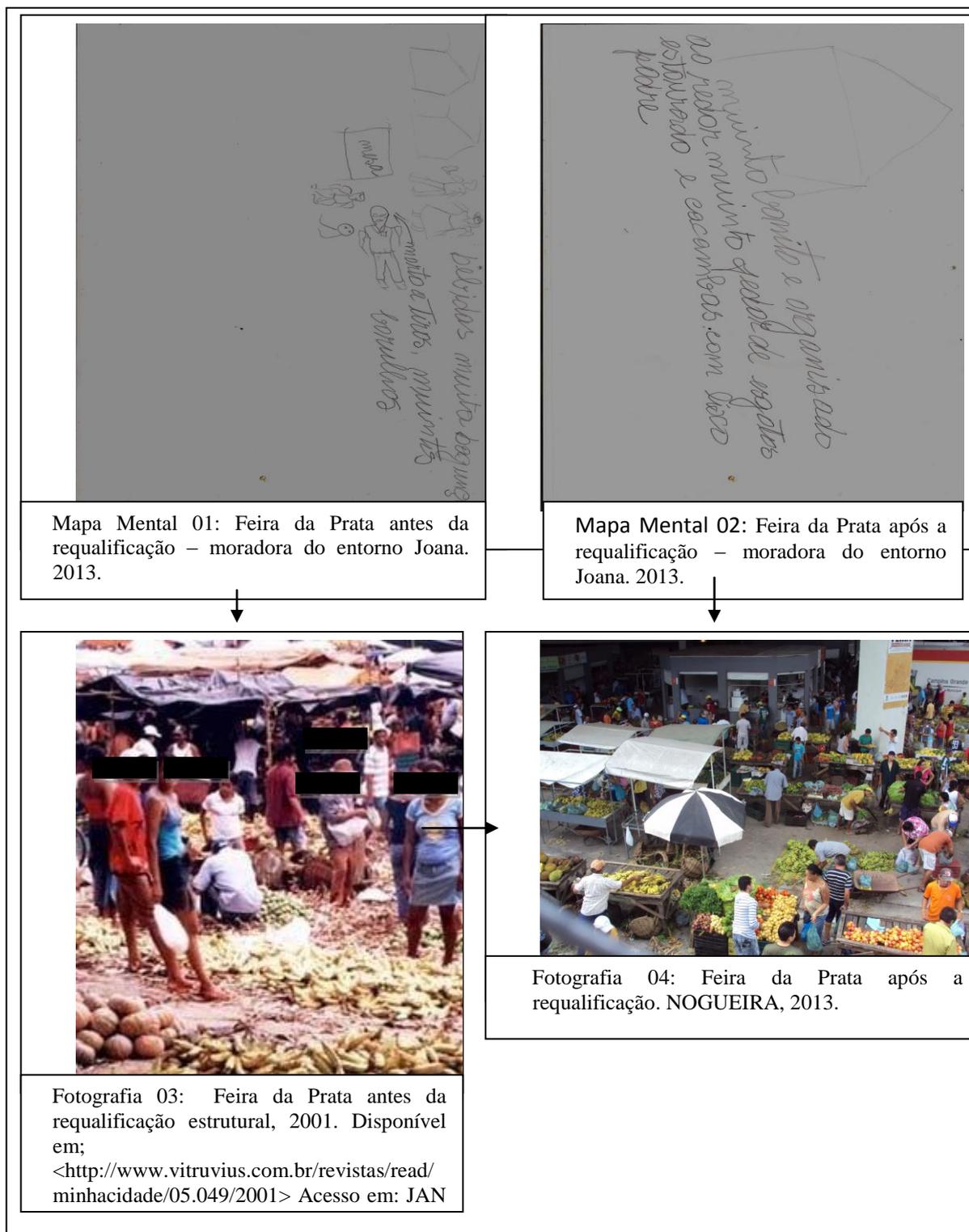
Figura 06: Grade ao redor da Feira da Prata – Campina Grande – PB.



Nesse sentido, como a Feira possui apenas três entradas, quando o movimento é intenso, os feirantes reclamam da rotatividade, ou seja, movimentação dos consumidores no interior da Feira, o que de certa forma beneficia o feirante que ficou “de fora” da Feira da Prata, pois este, de acordo com os feirantes tem a sua mercadoria mais exposta aos consumidores.

Olhando por outro viés – dos consumidores e até da própria administração pública – observamos que a Feira da Prata ficou livre do “feio”, do “horrendo” da sua estrutura precária, da sua paisagem grotesca aos olhos desses sujeitos. Na visão do administrador público temos a Feira da Prata como um espaço estratégico pois ela é praticamente inserida na área central da cidade de Campina Grande, localizada em um bairro composto pela sua maioria de pessoas de classe média alta, um bairro com uma ótima infra-estrutura urbana, com uma grande valorização do solo urbano, possuindo também determinada centralidade no que diz respeito aos serviços de saúde. Nesse sentido a Feira da Prata ficou livre de uma paisagem bucólica que de certa forma manchava a imagem do bairro da Prata. É nesse mesmo viés que observamos a satisfação dos moradores do entorno da Feira da Prata, estes se orgulham profundamente em morar perto de uma feira que possui uma estrutura moderna, se orgulham de possuírem seus imóveis valorizados com a nova estruturação da Feira. A seguir podemos visualizar um esquema representando essa questão voltada para o incremento do “belo” a Feira da Prata:

Esquema 03: Elementos destacados pela moradora Joana¹⁰ do antes e depois da requalificação da Feira da Prata



¹⁰ Vale salientar que o nome citado aqui é meramente fictício, criado pelo entrevistado(a), respeitando assim as diretrizes do comitê de ética da UFCG

Observamos que na técnica do mapa mental, a moradora Joana esboça o caráter “feio” da Feira da Prata antes da sua requalificação, apontando elementos como sujeira, pessoas embriagadas, assassinatos na Feira. Ao pedir que ela esboçasse um mapa mental da Feira após a reforma ela conota o caráter aquitetônico, organizacional, ou seja, o aspecto da “beleza”.

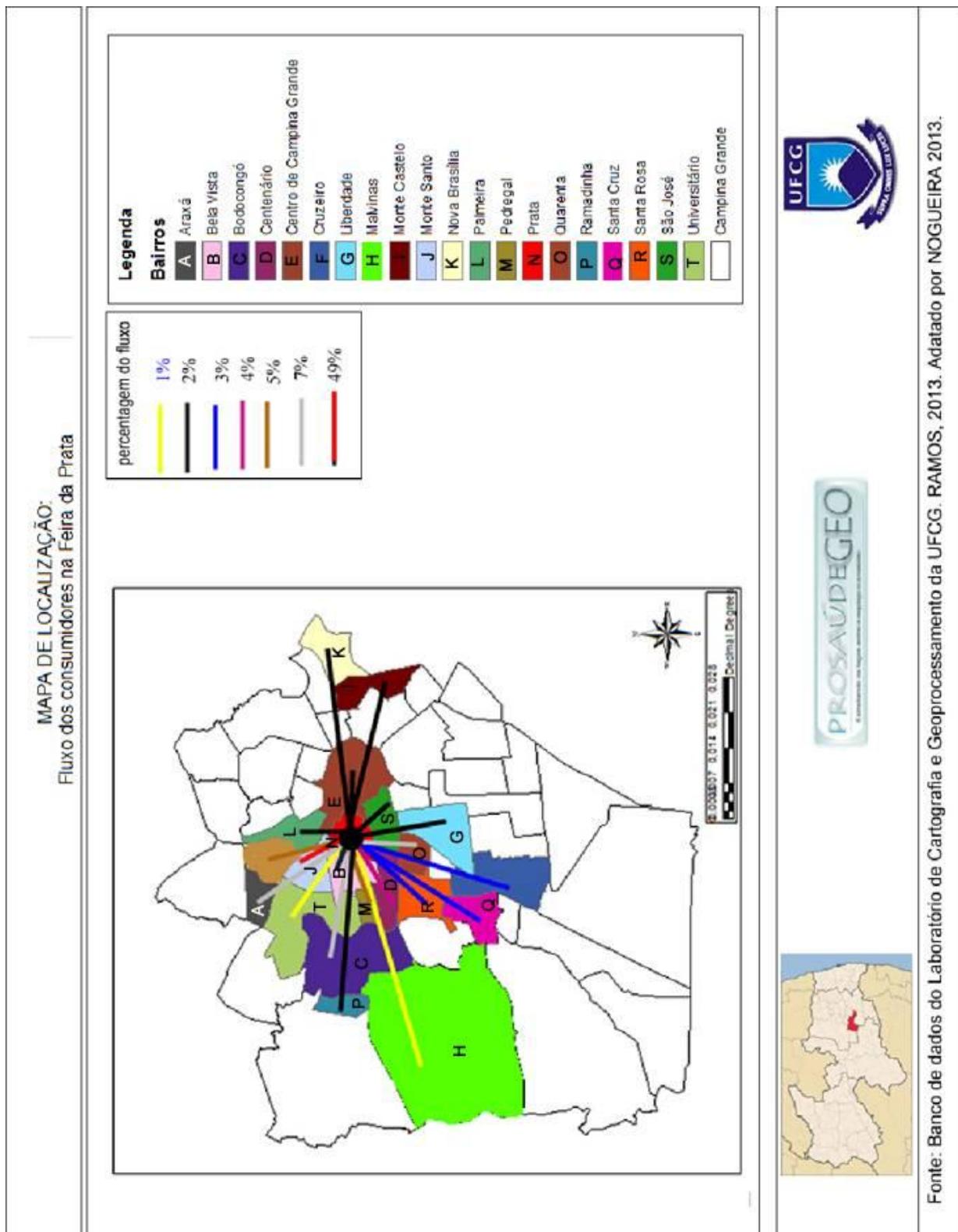
5.1.5 Uma centralidade inter-bairro

Através do material coletado e analisado foi possível observar um aspecto peculiar a Feira da Prata. Diz respeito aos consumidores que a frequentam. Observamos que cerca de 50% dos consumidores são da zona Norte da Cidade de Campina Grande, em bairros como Monte Santo, Palmeira, Araxá, Jeremias, Bela Vista, ou seja, bairros que ficam próximos a Feira da Prata. Apenas cerca de 5% dos consumidores residem no próprio bairro da Prata.

Isso nos mostra a centralidade que a Feira da Prata exerce aos domingos na Zona Norte da Cidade de Campina Grande, mostrando assim uma centralidade extra-bairro, como podemos observar no mapa 04.

Essa faceta que tivemos a oportunidade de perceber através dos resultados obtidos com a pesquisa, mostra conforme Barreto (2009) que mesmo com a singularidade e banalidade que elevaram as localidades centrais de Walter Christaller temos na Feira da Prata uma centralidade exercida em uma escala intra-urbana, materializada através dos fluxos de mercadorias, pessoas que se locomovem até aquela áreas para usufruir do que a Feira oferta: lazer, alimentação, compra de produtos, reunião de pessoas. É importante destacar também o pensamento de Silva (2001) que encontramos centralidades que se modificam de acordo com os horários, variando de funcionalidade, que no caso da Feira da Prata encontra o seu ápice principalmente no final de semana.

Mapa 04: Fluxo dos condumidores na Feira da Prata



Um elemento que chama bastante atenção é a denominação que a Feira da Prata possui hoje, na foto abaixo podemos visualizar o *slogan* da nova estrutura da Feira da Prata. No entanto, observamos que essa Feira em si, com a sua requalificação, acaba por se transformar em um mercado público.

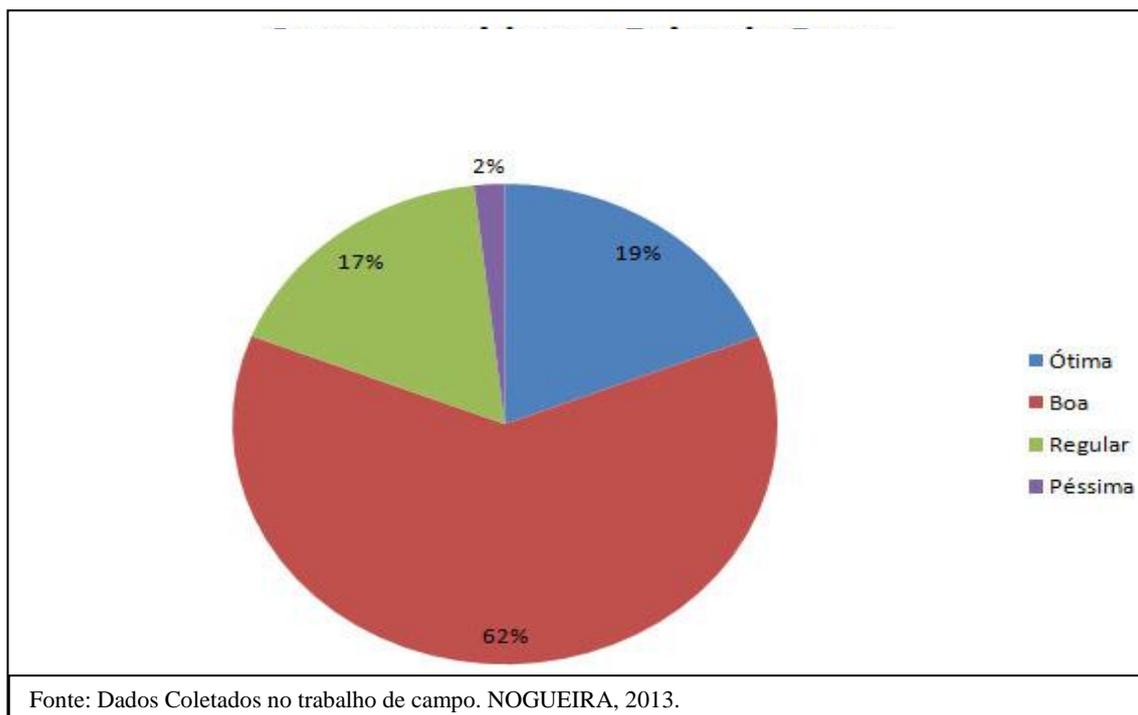
Figura 07: Slogam da Feira da Prata



5.1.5 Uma nova dimensão para a feira livre?

A Feira da Prata modificou de forma considerável a sua estrutura. Na visão dos sujeitos pesquisados, o nível de satisfação dos feirantes, consumidores e moradores do entorno da Feira da Prata. É considerada do que as mudanças foram boas (19%).

Gráfico 02: Como os consumidores avaliam nova a estrutura da Feira da Prata

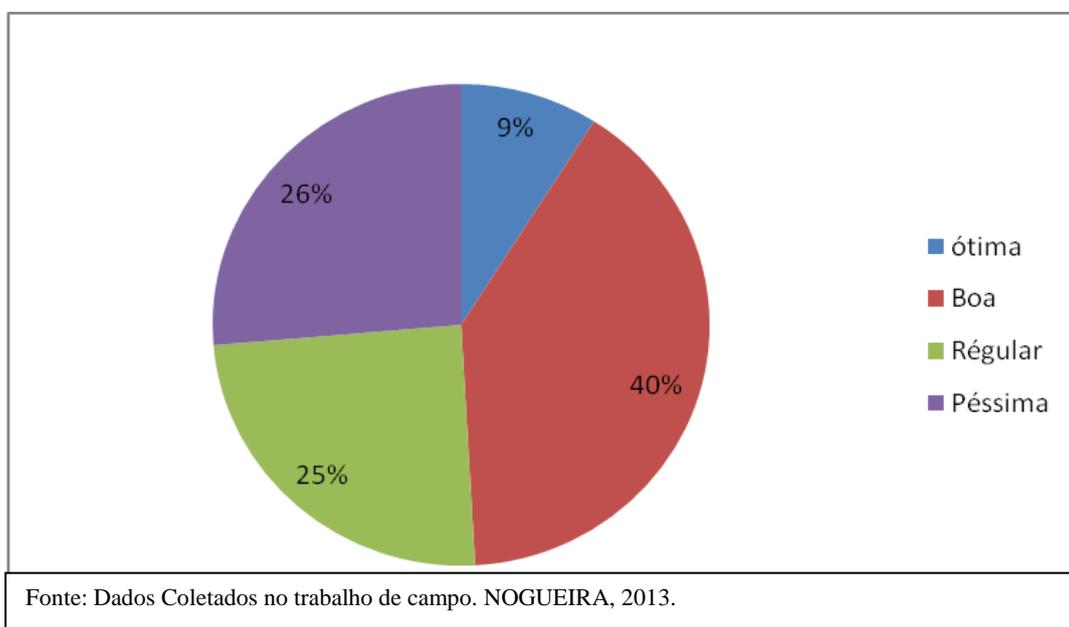


A razão dessas modificações não serem consideradas como ótimas para a maioria tem relação com alguns elementos da paisagem que ainda demandam atenção.

Cerca de 20% dos consumidores criticam a cobertura, reclamando que em dias de chuva não protege a totalidade da Feira, mostrando que a arquitetura foi falha. Já 8% apontaram a desorganização como um elemento que dificulta a compra de produtos, mistura de setores e desorganização em relação à acomodação dos produtos. Segundo os consumidores deveriam existir locais fixos para determinados produtos, facilitando assim a compra dos mesmos. O mau cheiro foi apontado por 47% dos consumidores, principalmente no setor onde são comercializados peixes, pois nesse setor não foi observado nenhum tipo de acondicionamento correto como refrigeradores, ficando assim os produtos expostos a céu aberto.

No gráfico a seguir podemos visualizar o nível de satisfação dos feirantes em relação à Feira da Prata. Na visão deles a Feira acabou por tomar uma nova dimensão, uma dimensão diferente daquela que eles denominavam como “Feira Livre”. É nítido no discurso apresentado por esse grupo que hoje a Feira da Prata passou a ser um local de regras, um local “cercado”, o que acabou por influenciar na perda da espontaneidade típica das feiras livres.

Gráfico 03: Como os Feirantes avaliam a nova estrutura da Feira da Prata



De acordo com os feirantes, a cobertura e as grades ao redor da Feira são aspectos que prejudicam bastante; a cobertura por não protegê-los da chuva e do sol, e as grades por impedir que os consumidores visualizem seus produtos.

No que diz respeito aos moradores, estes visualizam a nova estrutura da Feira da Prata a partir de uma concepção arquitetônica, moderna e digna de orgulho, pois na visão destes indivíduos a “Nova Feira da Prata” contribuiu para a valorização do solo do bairro. Percebe-se que de uma forma geral a Feira da Prata ganha uma nova dimensão a partir do ponto de vista de cada grupo de indivíduos e que em determinados temas esses

pontos de vista se aproximam, outros se distanciam, mas é certo que a Feira acabou ganhando novos significados.

5.1.6 Trabalho dos feirantes

O grupo dos feirantes é o que mais necessita da Feira da Prata, pois a Feira para esses indivíduos se torna o sustento da, ou parte, da família. Mesmo com a reestruturação da Feira da Prata, são nítidas as condições abusivas de trabalho, como vamos observar a seguir: altas jornadas de trabalho, estresse, insegurança e carga horária excessiva.

Mesmo que 36% dos feirantes questionados digam que, a Feira da Prata não apresenta problemas; outros 64% apontam algum aspecto negativo (Tabela 05)

Tabela 05: Aspectos negativos colocados pelos feirantes

Aspecto	Porcentagem
Desorganização	01%
Sujeira	02%
Alguns ficaram na rua	03%
Estrutura	04%
Insegurança	05%
Poucas entradas	09%
Administração	13%
Cobertura incompleta	27%
Nada	36%
	100%

Fonte: NOGUEIRA, 2012. Nota: Dados baseados na aplicação dos questionários junto aos Feirantes da Feira da Prata.

Cerca de 13% dos feirantes entram em choque com as ações realizadas pela administração da Feira, em relação a horários, a locais de exposição dos produtos, a fiscalização. Esse fato é complexo, pois esses feirantes antes estavam mais acostumados

com a dimensão “livre” da Feira, ou seja, os próprios feirantes criavam a Feira, sendo uma espécie de consenso entre eles. A estrutura também é um fator que preocupa bastante, pois mesmo com o calçamento, quando chove, o interior da Feira fica alagado. A cobertura é alvo de grandes críticas, pois o seu formato não supre a real necessidade: proteger às pessoas da chuva e do sol, parecendo mais uma obra arquitetônica de cunho decorativo e infuncional.

As entradas são outro grande problema, existem apenas três delas para o interior da Feira, o que dificulta a circulação de pessoas. O fato de alguns feirantes terem ficado na rua também traz revolta a essa parcela, pois de certa forma, parece uma realidade injusta, pois uns ficaram dentro da Feira e outros ficaram fora, à mercê do exterior, como se a Feira fosse apenas o ambiente cercado, quando na verdade não o é; a feira possui tentáculos que se estendem às ruas circundantes.

A sujeira e a desorganização são elementos que dificultam a vida do feirante, não são todos, mas foi possível observar que não existe em alguns casos cesto de lixo, os restos são simplesmente jogados no chão e isso faz com que a Feira acabe tendo um aspecto sujo. Todavia, ao contrário do que acontecia antes, esta sujeira é rapidamente recolhida já no próprio Domingo pela coleta urbana de lixo.

5.1.7 Feira da Prata: ontem e hoje.

Um dos elementos que chama bastante atenção é o sentimento de pertencimento que as pessoas acabaram desenvolvendo com a Feira da Prata. Nesse sentido, com o suporte metodológico dos mapas mentais e entrevistas foi bem perceptível sentimentos e conotações diferentes acerca da Feira. A seguir podemos visualizar alguns esquemas que mostram bem essa relação¹¹.

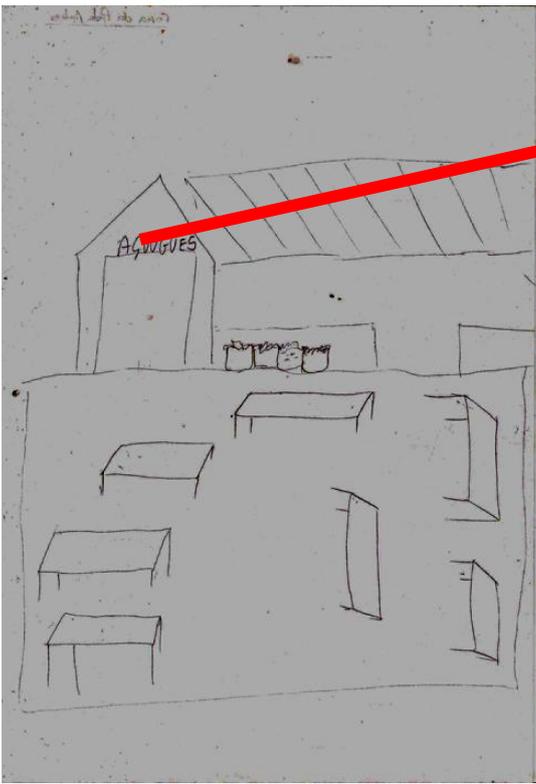
¹¹ Vale salientar que os nomes aqui citados são meramente fictícios, seguindo às recomendações do Comitê de Ética da Universidade Federal de Campina Grande.

Esquema 04: representação da antiga feira da prata elaborada pela moradora joana

	
<p>MAPA MENTAL DESENHADO LIVREMENTE PELA MORADORA DO ENTORNO JULIANA, REPRESENTANDO A FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO</p>	<p>DESORGANIZAÇÃO NA FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO. ANO: 2001 FOTO: MARIANA DIAS VIEIRA Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacida/05.049/2001</p>
	<p>Como era o local e seu entorno? O que se lembra?</p> <p><i>Claro que lembro, era um local muito simples, não tinha calçamento, era tudo na terra mesmo, quando chovia os feirantes ficavam atoladas na lama. E outra, era muito bagunçado, os produtos ficavam misturados com a lama.</i></p>

De acordo com a entrevistada, antigamente a Feira da Prata era um local de desorganização, a violência era um aspecto latente uma vez que, segundo a própria entrevistada, já ocorreram casos de assassinato. Outros aspectos colocados pela entrevistada dizem respeito à própria higienização dos alimentos, já que antigamente, esse era um fator inexistente, pois os produtos ficavam no chão, e tinham que coexistir com animais abandonados e com a lama nos dias de chuvas.

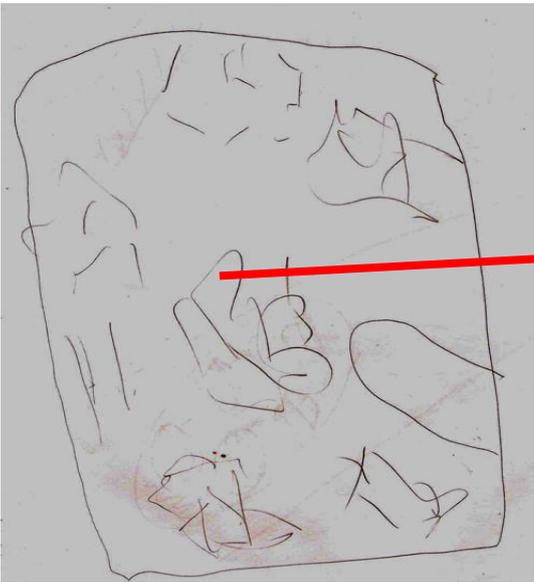
Esquema 05: representação da antiga feira da prata elaborada pela Consumidora Josi

	
<p>MAPA MENTAL DESENHADO LIVREMENTE PELA CONSUMIDORA JOANA, REPRESENTANDO A FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO</p>	<p>FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO. ANO: 2001 FOTO: MARIANA DIAS VIEIRA</p> <p>Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/05.049/2001</p>
	<p>Como a senhora considera a feira da Prata antes da reforma?</p> <p><i>Bagunçada né, as coisas bem aleatórias, todo mundo à vontade, não tinha regras, não tinha. Hoje não tem muito também, mas, tem mais organização né, é melhor distribuído, as coisas, as barracas, antes não, era todo mundo à vontade mesmo</i></p>

Um fato que chama atenção no mapa mental desenhado pela consumidora é a colocação do açougue que existia na Feira da Prata: era um prédio central em construção de alvenaria com o teto coberto por madeira e telhas, nesse mesmo prédio se

localiza os banheiros da Feira da Prata. Era um local específico para a comercialização de carnes.

Esquema 06: representação da antiga feira da prata elaborada Pelo Feirante Santo Antônio¹²

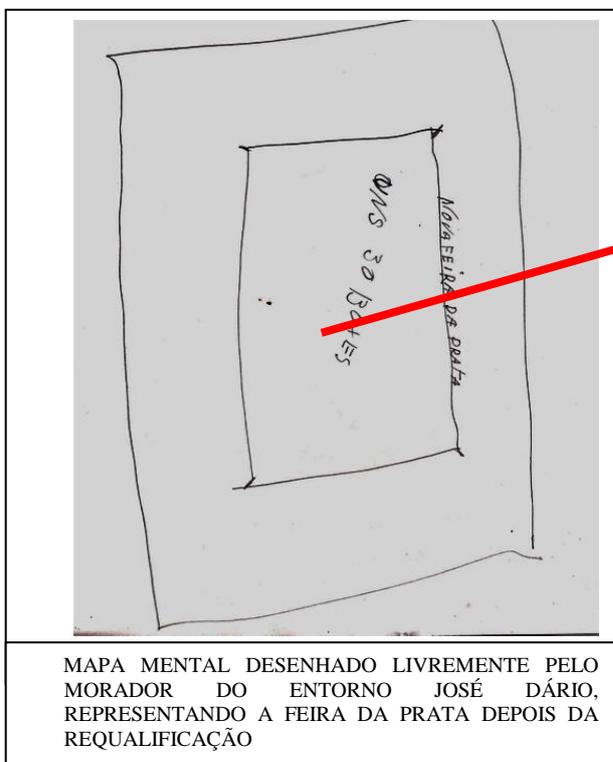
	
<p>MAPA MENTAL DESENHADO LIVREMENTE PELO FEIRANTE ANTÔNIO, REPRESENTANDO A FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO</p>	<p>FEIRA DA PRATA ANTES DA REQUALIFICAÇÃO. ANO: 2001 FOTO: MARIANA DIAS VIEIRA Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/05.049/2001</p>
	<p>Antes dessa nova estrutura como era a feira o senhor lembra?</p> <p><i>Lembro, bastaste, a feira era ali aonde é hoje, mas, era na terra entendeu era tudo no barro né. Era tudo no chão as mercadorias, a maioria era tudo no chão, a gente forrava uma lona e colocava por cima da lona</i></p>

Nesse mapa mental elaborado por um feirante é destacado a questão da “desorganização”: antes da requalificação, a maioria dos produtos eram colocados no chão, forrado apenas por folhas de bananeira seca, e em alguns casos por lonas que os

¹² Santo Antônio foi o nome fictício escolhido pelo entrevistado, pois a entrevista ocorreu no dia de Santo Antônio.

próprios feirantes traziam para forrar o chão. Quando chovia, a lama acabava por permear toda a Feira, pois não havia um calçamento nem uma drenagem que fizesse com que a água escoasse. Esta situação demonstra que os dias de chuva eram bastante ruins para o comércio, pois além de os produtos ficarem na lama, não havia uma cobertura, muitos feirantes faziam as suas próprias barracas com lona e madeira.

Esquema 07: representação da nova feira da prata elaborada pelo morador Dário¹³



Interior da Feira da Parata. Nogueira, 2013.

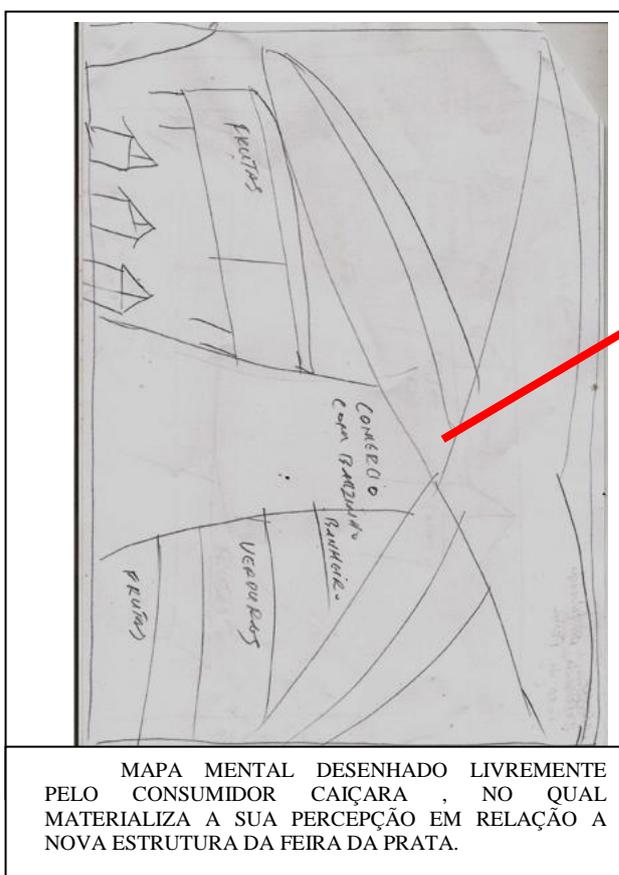
Quais foram as modificações que interferiram na qualidade de vida?

a organização, a a a , o o o , o tratamento do povo, o tratamento das coisas que é tudo higiênico, sério, direito, os aspetos são esses.

¹³ Vale salientar que a transcrição da fala do entrevistado(a) foi fidedigna à sua oralidade, por isso foram colocadas conotações lingüísticas usuais.

Com relação à nova estrutura da Feira da Prata, podemos observar um nível de satisfação considerável, por parte do morador no quesito organização e higiene, e principalmente na melhor estrutura para o trabalho.

esquema 08: Representação da nova feira elaborada pelo consumidor Caiçara



Cobertura da Feira da Prata. Nogueira, 2013.

Como considera a Feira da Prata depois da Reforma ?

Ela teve um ganho muito grande principalmente para as pessoas que moram ali circunvizinhas como eu falei no começo, e para os comerciantes e para o usuário da feira, porque hoje, você tem um banheiro público, que antigamente tinha um banheiro particular para você usar o banheiro, tinha de dar algum centavo, uma prata, para uma pessoa que tomava conta do banheiro. Hoje não, o banheiro lá é público, e cada comerciante ali, onde tem os quiosques que serve alimento, bebida, lanchonete. Tem um banheiro para todos nós.

No mapa mental em questão, o autor salienta a questão da estrutura como um todo, enfatizando a cobertura e a divisão dos boxes superiores e inferiores; nos superiores temos a área específica para o comércio de bebidas alcoólicas, lanches e

almoço. Conta também com espaço para realização de shows de artistas da região. Nos boxes da parte inferior estão localizados os mais diversos tipos de atividades, como comércio de carnes, doces, lanchonetes, entre outros.

Esquema 09: Representação da nova feira da prata elaborada pelo feirante Antônio



ORGANIZAÇÃO DA FEIRA DA PRATA.
FOTO: WAGNER, 2013.

Como o(a) senhor (a) considera a Feira da Prata depois da reforma?

Atualmente tem uma melhor estrutura, tem banheiro. A feira hoje oferece uma melhor condição de trabalho, pois não ficamos à mercê das intempéries da natureza, como o sol, a chuva e os alimentos ficam mais limpos, por causa da pavimentação do local,

O feirante Antônio foi bem enfático ao colocar que a nova estrutura da Feira da Prata oferece mais subsídios para a prática do seu trabalho, a organização no interior da Feira ajuda bastante no desenvolvimento da relação com os próprios consumidores.

5.5 Paisagem do risco, promoção e prevenção à saúde na Feira da Prata

Através da pesquisa em campo, das observações *in loco*, e, principalmente, através da própria visão das pessoas que vivenciam a Feira da Prata, foi possível materializar aspectos contidos na paisagem que fazem parte do cotidiano da Feira.

A paisagem de risco foi identificada a partir do suporte metodológico do Modelo Operário Italiano, onde onde foram classificados os tipos de riscos como podemos observar a seguir:

1. Risco Físico - Foram identificados os seguintes riscos físicos no mercado: poluição sonora causada pelos carrinhos de som; cobertura incompleta, propiciando a exposição à chuva e aos raios solares; grande aglomeração de indivíduos em um espaço pequeno. Problemas estruturais também foram identificados, principalmente, aqueles ligados à cobertura incompleta da Feira da Prata. Apesar de possuir uma arquitetura arrojada, não atende da mesma forma as expectativas no quesito funcionalidade.

A iluminação é escassa no interior da Feira, dificultando a visualização de pessoas e produtos, principalmente em dias nublados, uma vez que é bastante difícil entrar luz no interior da Feira. Outro fator apontado diz respeito à própria forma de acomodação e acondicionamento de mercadorias, algumas são expostas no chão e não são devidamente condicionados, através de *freezer*.

A drenagem foi alvo de insatisfação. Quando ocorre chuva, a água entra no interior da Feira devido a não proteção total por parte da cobertura. Dessa forma, a Feira fica alagada quando há fortes chuvas, expondo os indivíduos à água suja, misturada com resíduos sólidos provenientes de alimentos estragados, e a presença de animais abandonados, como cachorros, colocando em risco não só as mercadorias mas também, as próprias pessoas que frequentam a Feira.

2. Risco Químico - Os riscos químicos detectados na Feira foram o mau cheiro, proveniente do banheiro e do lixo; o uso de agrotóxicos como o carbureto (usado na banana), por exemplo; odor exalado por carnes, principalmente no setor dos peixes (esses não são acondicionados de forma correta, e ficam expostos a céu aberto, em alguns casos).

3. Risco Biosanitário - Foram identificados os seguintes riscos biosanitários: odor oriundo das carnes, peixes e banheiros; lama oriunda dos períodos de chuva, resíduos sólidos no interior da Feira, misturados com água estagnada; presença de esgoto; ausência de vestuários apropriados para o manuseio dos produtos; presença de cachorros abandonados e de vetores, como baratas, o que proporciona a propagação de microorganismos.

4. Riscos Ergonômicos - Relacionam-se ao carregamento de peso por parte de alguns indivíduos; a própria postura em relação à longa jornada de trabalho.

5. Riscos Psicológicos - Nesse grupo, enquadram-se a pressão sofrida por parte dos feirantes em relação ao setor público, no que diz respeito à higiene e ao condicionamento dos alimentos; à própria concorrência por clientela; ao processo de acordar cedo e enfrentar o estresse para o transporte da mercadoria. O desapontamento de alguns feirantes, em relação à própria mudança que houve na Feira foi a queda no lucro (no trabalho de campo, foi possível constatar a insatisfação de alguns feirantes. Alguns deles entraram em depressão e não foram mais trabalhar na Feira, devido à mudança e à insatisfação do lugar onde foram acomodados).

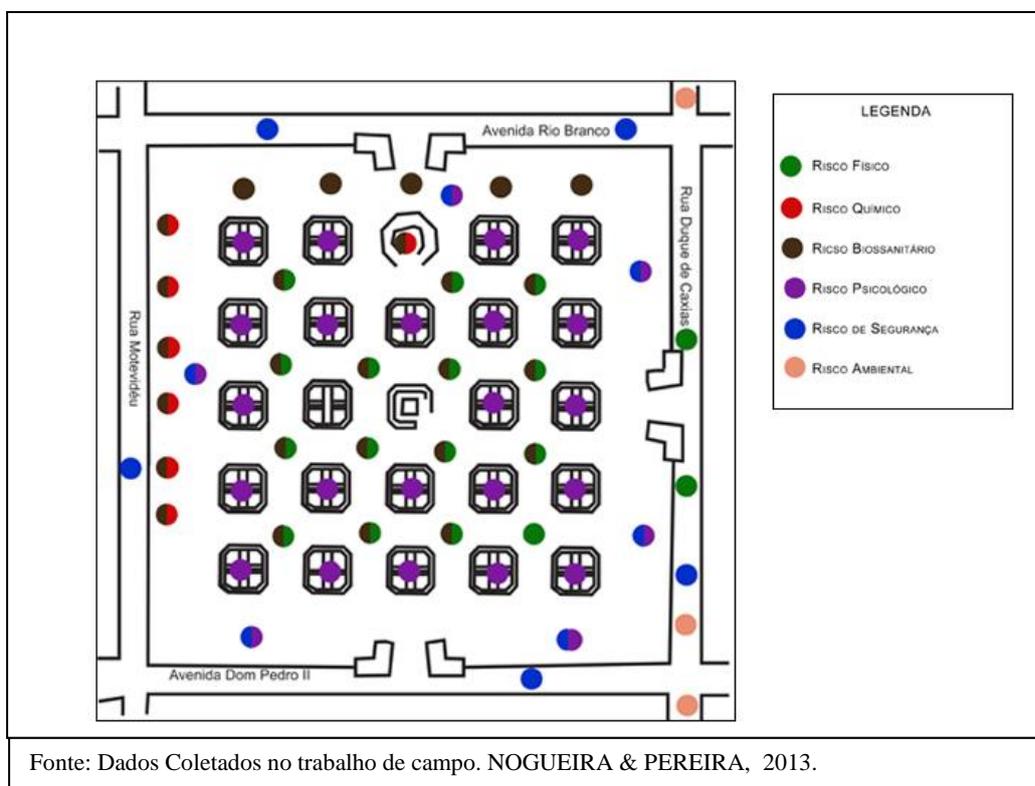
6. Riscos de segurança - Foram enquadrados como riscos de segurança bancos de madeira, que deveriam ser todos de aço, já que os de madeira influenciam um maior agravo à higiene dos produtos; ausência de extintores de incêndios em alguns pontos; trânsito contínuo ao redor da Feira. Durante o decorrer da pesquisa, foi possível também constatar furto de mercadorias.

7. Riscos Sociais - Foi enquadrado nesse grupo a insegurança causada pelos pequenos furtos que ocorrem na Feira, devido à condição socioeconômica mais abastada de alguns indivíduos que a vivenciam. A Feira de troca existente na Prata, é uma feira que fica fora do âmbito da estrutura, funcionando muitas vezes como uma espécie de “mercado negro”, onde alguns produtos de origem duvidosa são comercializados, sem nota fiscal.

8. Riscos ambientais - De certa forma, aqui se enquadra a relação da Feira com o ambiente de uma forma geral, por vezes foram colocadas que, mesmo contendo

limpeza, por parte do setor da Prefeitura, quando termina a Feira, resta lixo em alguns pontos, sendo preciso moradores ou proprietários realizarem a devida limpeza. Essa relação antes era bastante precária. Atualmente, ela foi amenizada de forma significativa. Dessa forma, de acordo com o agrupamento dos riscos, foi possível materializar tais informações através de um mapa de risco, como se pode observar a seguir:

Mapa 05: Materialização dos riscos contidos na Feira da Prata.



Pode-se perceber que, com relação ao risco físico, foi possível identificar principalmente a questão da aglomeração de indivíduos em um pequeno espaço; bem como que a cobertura incompleta permite a entrada da água no interior da Feira da Prata; e também que a drenagem falha, o que faz com que a água da chuva empesse no interior da Feira. Com relação ao risco químico, constataram-se aspectos como odor, oriundo do setor de carne, principalmente o peixe e também odores exalados pelos banheiros existentes na Feira. Já em relação ao risco Biossanitário, foi possível observar aspectos como: cachorros abandonados circulando no interior da feira; resíduos sólidos,

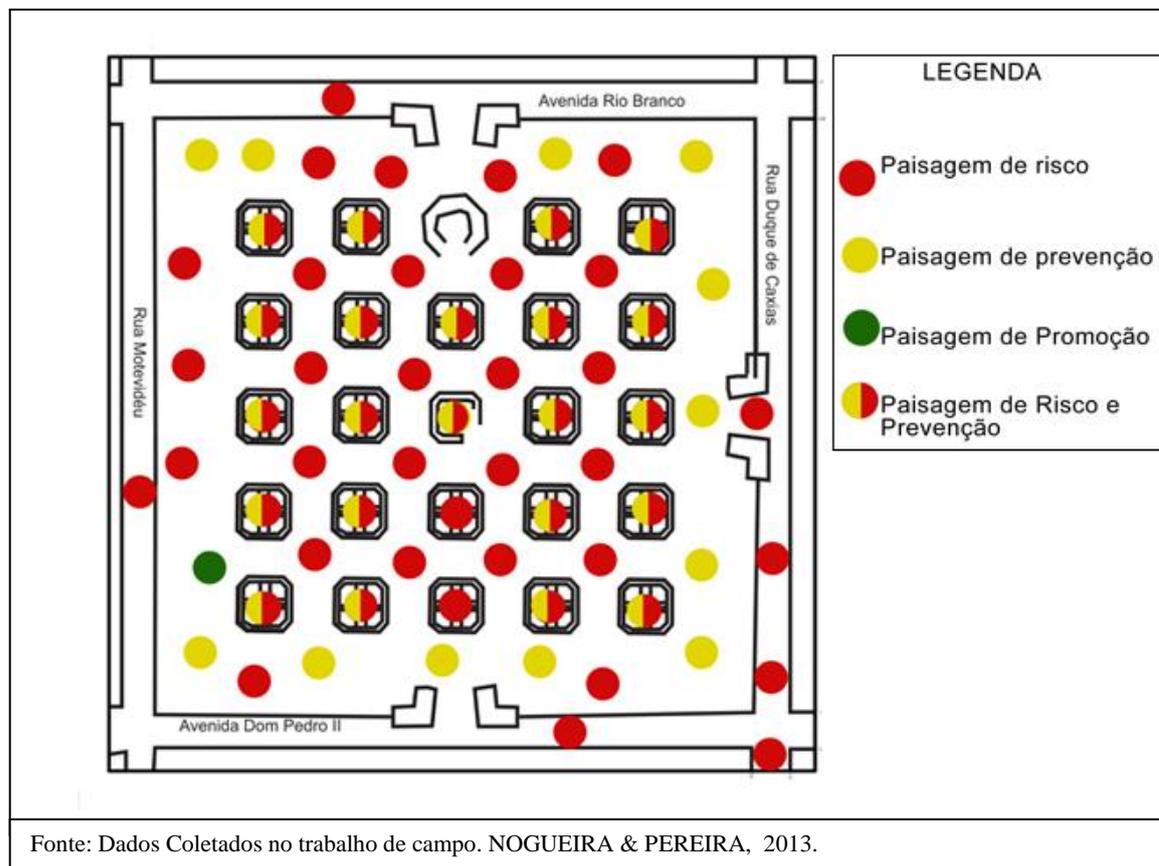
como restos de mercadorias; e a presença de vetores, como as baratas. No que diz respeito ao risco psicológico, observou-se o estresse causado pela jornada de trabalho, a pressão por parte da Prefeitura em relação aos feirantes e as orientações de trabalho. Em relação ao risco de segurança, foi possível perceber os bancos de madeira, a ausência de extintores de incêndios, trânsito contínuo ao redor da Feira, além dos furtos que ocorrem. Sobre o risco ambiental, os principais aspectos colocados foram falta de higiene após o término da feira, como também lixo em frente as residências.

5.6 Feira da Prata: rumo à promoção da saúde?

Apesar dos riscos apresentados, foram buscados também elementos na paisagem que indicassem, além dos riscos, ações ou objetos que demonstrassem ações de prevenção e promoção à saúde. Com base em Pereira (2010), pode-se identificar uma paisagem do risco, da prevenção e da promoção à saúde.

Pode-se entender a paisagem do risco como sendo a representação da percepção de elementos que podem causar algum possível perigo à saúde e à qualidade de vida de um indivíduo ou grupo. Os elementos relacionados à paisagem do risco já foram elencados no item anterior. A paisagem da prevenção pode ser entendida como a indicação de elementos resultantes de ações efetivadas para prevenir doenças. Já a paisagem da promoção da saúde é apresentada como a percepção de elementos que são resultados de uma racionalização no sentido de um bem estar geral. Assim sendo, pode-se visualizar essas paisagens no mapa a seguir:

Mapa 06: MaterIALIZAÇÃO dos tipos de paisagens identificadas na Feira da Prata

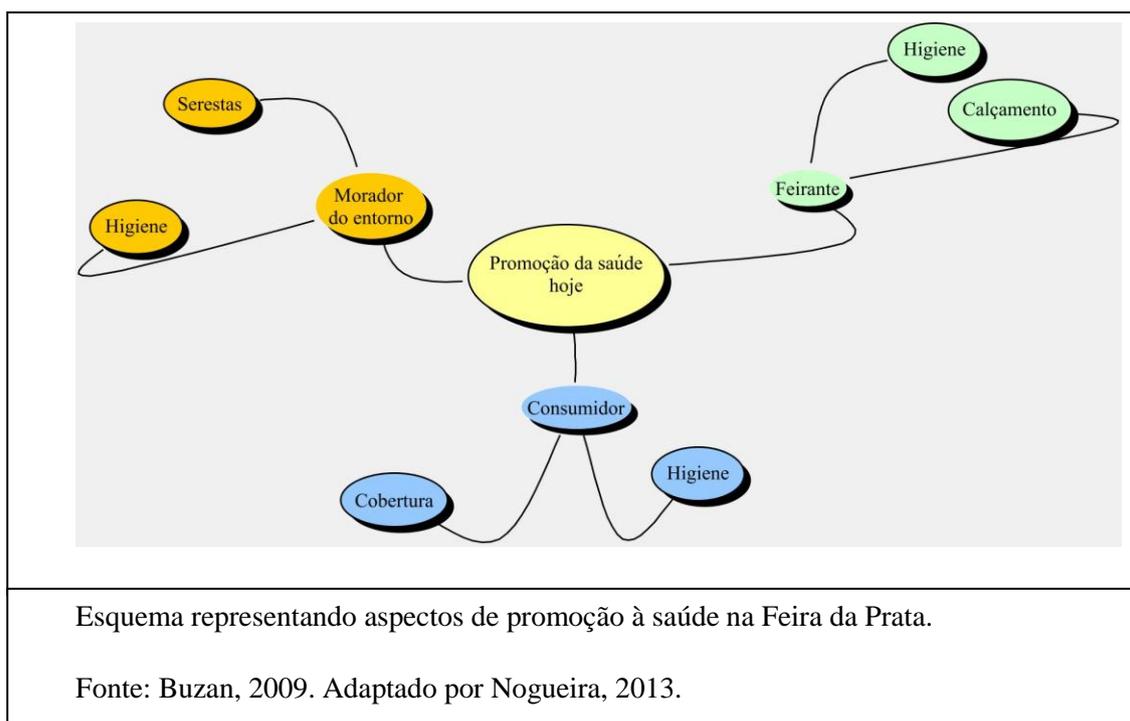


Já nesse mapa pode-se visualizar a prevenção de aspectos como estrutura dos boxes (alvenaria), como também da própria pavimentação existente na Feira. Esta, por sua vez, proporciona uma maior higienização do local, bem como o devido acondicionamento dos alimentos em alguns boxes; o correto acondicionamento através das geladeiras previne a proliferação de bactérias. Outro fator é o que diz respeito à prevenção em relação à presença de extintores de incêndio, principalmente na escada principal que dá acesso ao piso superior. No que diz respeito à promoção da saúde, ela é representada principalmente pelo posto de saúde existente na Feira da Prata; o qual é aberto não só para os feirantes, mas para os moradores. Outro fator diz respeito a shows (serestas), sendo um atrativo não só para os feirantes, mas também para os idosos que residem perto da Feira da Prata. De forma geral, observa-se que a paisagem de risco

predomina em relação às outras, tal fator pode ser corroborado a partir da própria visão dos indivíduos, que vivenciam o espaço da Feira da Prata. Eles, por sua vez, sentem que tais aspectos são latentes e que podem causar algum dano a sua própria saúde.

A partir da Metodologia de Buzan (2009), dos resultados do trabalho de campo (questionários, mapas mentais, entrevistas, registro fotográfico) e da comparação com as cartas das conferências internacionais de Promoção à Saúde (BRASIL, 1996; INDONÉSIA, 1997; MÉXICO, 2000; TAILÂNDIA, 2005) percebeu-se que os itens relacionados à promoção da saúde na perspectiva do morador do entorno, do feirante e do consumidor são diferenciadas como podemos observar no esquema a seguir:

Esquema 10: Aspectos de promoção a saúde na Feira da Prata



Para o feirante a promoção da saúde estaria representada por aspectos estruturais que de forma consequente influenciaram na higiene do local; a higiene em uma perspectiva geral, de bem estar das pessoas que frequentam o local. O fato do lugar está calçado na visão desse grupo pesquisado representa uma melhora significativa em

relação a uma promoção da saúde, pois impede que os alimentos entrem em contato com a lama que existia antes ao chover na Feira da Prata.

Para os consumidores a higiene ocasionada pela requalificação na estrutura foi um aspecto também de efeito para uma promoção da saúde em âmbito geral, observou-se que este grupo de sujeitos pesquisados avaliou de forma positiva a cobertura, mesmo esta apresentando algumas insatisfações, ainda assim a cobertura representa uma forma para esses indivíduos de promoção a saúde no aspecto estrutural e de bem estar geral.

Os moradores do entorno visualizam um aspecto mais lúdico da promoção da saúde na Feira da Prata, a realização de serestas e artistas da cidade nos sábados; o que, olhando pela ótica da promoção da saúde é possível visualizar a promoção a um nível psicológico, através de ações de entretenimento. A higiene também é um aspecto colocado pelos moradores do entorno, pois estes salientam a higiene dos alimentos consumidos na Feira.

A promoção da saúde possui por filosofia o âmbito do bem estar social, de uma forma que consiga atingir a todos. No entanto, visualizar isso na Feira da Prata foi um tanto complexo, pois ao mesmo tempo teve-se que lidar com três grupos de sujeitos pesquisados (feirante, morador do entorno e consumidor), sendo que cada um possui uma visão do que venha a ser a promoção da saúde. O pesquisador em si também teve dificuldades em identificar aspectos e paisagens de promoção à saúde na Feira da Prata uma vez que ela é um ponto na cidade de Campina Grande, ou seja, se fosse a própria cidade de Campina Grande seria mais fácil identificar esses elementos, mas no nível escalar utilizado para a Feira da Prata fica mais complexo de identificar. Sem dúvida, vale destacar aspectos como a higiene do local, que mesmo não sendo a ideal, melhorou de forma considerável para o que antes era a Feira da Prata. A requalificação estrutural, como um todo, também foi outro aspecto muito importante, influenciou de forma instantânea na higiene e, por consequência, em uma promoção da saúde em âmbito coletivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Feira da Prata tem mostrado através deste trabalho a sua importância para a cidade de Campina Grande, mesmo não sendo a principal feira da cidade, ela desempenha um importante papel na vida de várias pessoas. É um espaço de diálogos, compras, cultura que são cada vez mais impressas na sociedade Campinense.

A requalificação estrutural realizada abre margem para diálogos acerca do papel do administrador público em relação às rugosidades existentes nas cidades, será mesmo que esse procedimento funciona e resolve por completo os problemas existentes em determinado local? Ou apenas muda de foco os problemas? A padronização é algo que deve ser levado em consideração ou cada “lugar” possui singularidade e os indivíduos que o vivenciam devem ter a oportunidade de diálogo em relação à elaboração de projetos desse porte?

Este trabalho vem mostrar que o lugar, a perspectiva da experiência e a percepção do espaço vivido influenciam de forma direta no processo de saúde das pessoas, pois os sujeitos que vivem no espaço não são apenas agentes passivos, eles são parte constituinte do lugar. Neste caso, da Feira da Prata, os feirantes, os moradores do entorno e consumidores são a própria Feira, uma vez que sem esses grupos à esse ambiente não teria vitalidade, não seria mais Feira.

Vale destacar também que com o processo de requalificação o que temos hoje é mais parecido com um mercado público do que com uma feira propriamente dita. Isso porque, no seu sentido cultural, percebemos que uma requalificação influencia também em uma estrutura de costumes de um determinado local, por vezes ao “mexer” no lugar, está agindo também sobre o plano simbólico das ações dos indivíduos.

O desafio que fica com este trabalho é pensar em formas e em ações de promoção à saúde em mercados públicos que atinjam o bem estar de todos envolvidos no processo, seja através de ações educativas, de qualificação profissional, seja através da inserção das instituições de ensino superior nesses espaços tão ricos em cultura e em saberes.

7. REFERÊNCIAS

ALVES, Una leitura geográfica da fome com Josué de Castro. **Revista de Geografia, Norte Grande**, v. 38, p. 5-20, 2007. Disponível em: <http://www.geo.puc.cl/html/revista/PDF/RGNG_N38/art01.pdf> Acesso em Jan. 2013.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

APOLINÁRIO, Otávia Karla dos Santos. **Urbanização e mudanças na paisagem do bairro da prata na cidade de Campina Grande – PB**: Uma análise de sua forma, função e estrutura. Trabalho de conclusão de curso, Campina Grande: UEPB. 2009.

ARCHELA, R. S. ; GRATAO, L. H. B. . **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. Geografia (Londrina), Londrina, v. 13, n.1, p. 133-149, 2004. Disponível em <Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>> Acesso em 10 Jun. 2012.

BARCELLOS, Christovam (Org.) ; BARCELLOS, Christovam (Org.) . **A geografia e o contexto dos problemas de saúde**. 1. ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008. v. 1. 384p.

BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação Cadernos : **Curso de Doutorado em Geografia**. Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, nº 1(2009)- ISSN 1647-6506.p. 23 – 41.

BRASIL. **Bíblia sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: PAULUS, 1991.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – 3. ed. – Brasília : Ministério da

Saúde, 2010. Disponível em:
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf
> Acesso em: Mar. 2013.

BUARQUE, Cristovam. Qualidade de vida: a modernização da utopia. **Lua Nova [online]**, São Paulo, n.31, 1993, p. 157-166.

BUSS, P. M. . Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 163-177, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7087.pdf>> Acesso em: 05 Jun. 2012

_____; FERREIRA, José Roberto . O que o desenvolvimento local tem a ver com a promoção da saúde?. In: zancan, L; Bodstein, R; e Marcondes, W.B. (Org.). **Promoção da saúde como caminho para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: ABRASCO/CIDA-CPHA/Finep/Fiocruz, 2002 , p. 15-37.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Editora Caravela, 1988. 164p.

CARVALHO, Sonia Nahas de. Condicionantes e possibilidades políticas. In: VITTAE, Claudete de castro Silva. KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CASTIEL, Luis Davis. Aspectos técnicos, metodológicos e teóricos do risco. In: GUILAM, Maria Cristina Rodrigues. FERREIRA, Marcos Santos. Correndo o risco: Uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010, p. 15-30.

CASTRO, J. Geografia da Fome. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 216.

CHAVES, Gilvando Rodrigues. **Análise socioeconômica e cultural da feira livre do município de Remígio** – PB. Trabalho de conclusão de curso, Campina Grande: UEPB. 2011.

CLAVAL, Paul. A Geografia como experiência do espaço e dos lugares In:_____. **Terra dos homens: a geografia.** São Paulo: Contexto, 2010, p. 37-62.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional:** a feira de Campina Grande na interface desse processo, 2003. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Geografia CFCH/DCG/UFPE, Recife, 2003.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In:_____. DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2010, p. 330-344.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: Dina Czeresnia; Carlos Machado de Freitas. (Org.). **Promoção da Saúde: reflexões, conceitos, tendências.** Rio de Janeiro: **FIOCRUZ**, 2003, v. , p. 39-53. Disponível em: <<http://143.107.23.168/siteteste/wp-content/uploads/AOconceito.pdf>> Acesso em Mar. 2013.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. **Revista Mercator.** Fortaleza. Vol. 7, N 13 (2008) Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/11/7>> Acesso em 02 Dez. 2011.

DINIZ, Lincoln da Silva. **Permanências e transformações do pequeno comércio na cidade:** as bodegas e a sua dinâmica sócio-espacial em Campina Grande. Campina Grande: EDUFCEG, 2009, 120p.

EGRE, Marco and FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública** [online]. 1997, vol.31, n.5, p.538-542. ISSN 0034-8910.

FACCHINI, Luiz A.; WEIDERPASS, Elisabete and TOMASI, Elaine. Modelo operário e percepção de riscos ocupacionais e ambientais: o uso exemplar de estudo descritivo. **Rev. Saúde Pública** [online]. 1991, vol.25, n.5, pp. 394-400. ISSN 0034-8910. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v25n5/12.pdf>> Acesso em: 10 Jan 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio S**: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Natureza e Cultura: representações na paisagem. In: ROSHENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 49-70.

GONDIM, Grácia Maria de Miranda. Do conceito de risco ao da precaução entre determinismos e incertezas. In: FONSECA, Angélica Ferreira. CORBO, Anamaria D'Andrea (Org). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fio Cruz, 2007, p. 87-119.

GUIMARÃES. Camila Audi. Feira livre na celebração da cultura popular. 2010. 20p. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/140>> Acesso em Mar 2012. p. 05.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

IASBECK. Luiz Carlos Assis. Método Semiótico. In.:_____. DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 193-205.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana**: As cidades do interior Paulista. São Paulo: UNESP, 2004.

LEFÈVRE, Fernando. LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LIMA, Anna Erika Ferreira; SAMPAIO, José Levi Furtado. Aspectos da Formação Espacial da Feira-Livre de Abaiara – Ceará: relações e trocas. In: **XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, Anais XIX ENGA, São Paulo, 2009, p. Disponível em:

http://www.geografia.ffe.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Lima_AEF.pdf Acesso em 23 de Dez 2011.

LIMA.; Almeida, D. L. R. . Feira da Prata- Campina Grande/PB: Economia e espacialidade em seu processo de reestruturação. In: 4º **Encontro Paraibano de Geografia**, 2010, Campina Grande. 4º Encontro Paraibano de Geografia, 2010.

MARTINS, Maria do Céu Antunes (2005) - A Promoção da saúde: percursos e paradigma. **Revista de saúde Amato Lusitano**. ISBN 0873-5441. A. IX, nº 22 (4º trimestre 2005), p. 42-46
Disponível em: <<http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/93/1/A%20Promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20sa%C3%BAde.pdf>> Acesso em Jan 2013.

MATTOS. Et al. **Mapa de Risco no Brasil**: As limitações da Aplicabilidade de um Modelo Operário. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (2): 251- 258, abr/jun, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v10n2/v10n2a12.pdf>> Acesso em 12 Jan. 2012.

MAZETTO, Francisco de Assis Penteadó . Pioneiros da geografia da saúde: séculos XVIII, XIX e XX. In: Christovan Barcellos. (Org.). **A Geografia e o Contexto dos Problemas de Saúde**. Rio de Janeiro RJ: ABRASCO, 2008, v. 6, p. 17-33.

MENEZES, Luís Carlos Araújo. JANNUZZI, Paulo de Martino. **Planejamento nos municípios brasileiros: um diagnóstico de sua institucionalização e seu grau de efetividade**. In.:_____. VITTE, Claudete de Castro Silva. KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 69-88.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes ; PENHA, João Pereira da; SOUZA, L. M; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra . Mercado público e risco à saúde. In: Emília Moreira;. WATANABE, Takako. (Org.). **Ambiente, trabalho e saúde**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006, v. único, p. 201-231.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In:_____. BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópoles: Vozes, 2002, p. 319-342.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Conhecimento geográfico para a Promoção da Saúde. **Hygeia** – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. 6 (10): 77-88, junho de 2010. Disponível em: < <http://www.hygeia.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=185>> Acesso em 10 Jan. 2010

QUINTANA, Mario. **Nova antologia poética**. São Paulo: Globo, 2007, 1995, 145p.

ROSENSAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. LUCHIAR, Maria Tereza Duarte Paes. In:_____. **Paisagem, imaginário e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 9-28.

SEIDL, Eliane Maria Fleury e ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cad. Saúde Pública [online]**, São Paulo, n.2, 2004, p. 580-588.

SILVA, Willian Ribeiro da. Centro e centralidade: uma discussão conceitual, Presidente Prudente , n 8. P 107 - 115

SOUZA JÚNIOR, Xisto S. S. . A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa-PB. In: RODRIGUES, Júlio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (Org.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. 1ed.Uberlândia: Assis, 2009, v. único, p. 25-47.

TELFORD, Charles W. SAWREY, James M. O atentar e o perceber In:_____. **Psicologia: uma introdução aos princípios fundamentais do comportamento**. São Paulo: Cultrix, 1968, p. 170-208.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens o medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL. 1980.

VILLAÇA, F. J. M. .O espaço intra-urbano: esse desconhecido. In: _____. **O espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel Editora, 1998. Cap nº 2, p. 17-48.

VITTE, Claudete de Castro Silva. **A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade.** In: _____. KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 21-67.

FERREIRA, Marcelo Urbano. **Epidemiologia e geografia: o complexo patogênico de Max. Sorre.** Cad. Saúde Pública [online]. 1991, vol.7, n.3, pp. 301-309. ISSN 0102-311X.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de questionário aplicado aos consumidores

Questionário dos consumidores

I. DADOS INDIVÍDUAIS	
01- Nome: _____	Sexo: _____ Idade: _____
02- Menor de 18 anos: Estuda <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Série: _____ <input type="checkbox"/> Não
03- Nível de escolaridade: <input type="checkbox"/> Analfabeto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Ensino Superior	
04- Profissão: _____	
05- Renda familiar:	<input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo; <input type="checkbox"/> Entre 1 e 3 salários <input type="checkbox"/> Entre 4 e 6 salários <input type="checkbox"/> Entre 7 e 9 salários <input type="checkbox"/> Entre 10 e 12 salários <input type="checkbox"/> Mais de 12 salários
06- Residência atual (município/zona (rural ou urbana)/localidade (sítio, fazenda, bairro, etc):	_____
07- Contato (telefone, email etc)	_____
II. PERFIL DO CLIENTE	
01- Porque escolheu comprar na feira: _____	
02- Há quanto tempo compra na feira: _____	
03- Qual produto compra:	<input type="checkbox"/> Laticínios <input type="checkbox"/> Hortifrutí <input type="checkbox"/> Doces <input type="checkbox"/> Eletrônicos <input type="checkbox"/> Brinquedos <input type="checkbox"/> Artesanato <input type="checkbox"/> vestíári <input type="checkbox"/> Animais <input type="checkbox"/> Doces <input type="checkbox"/> Miudezas <input type="checkbox"/> Carne
04- Em média ganha gasta na feira (reais) <input type="checkbox"/> Menos que 100 reais; <input type="checkbox"/> Entre 100 e 200 salários; <input type="checkbox"/> Entre 200 e 400 <input type="checkbox"/> Entre 400 a 800.	
05- Compra em outra feira <input type="checkbox"/> Sim, qual: _____ <input type="checkbox"/> Não	
III. AMBIENTE DA FEIRA	
01- Como considera a nova estrutura da feira <input type="checkbox"/> péssima <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> ótima	
02- Era melhor antes ou agora. Porque: _____	
03- Aspectos negativos da nova feira: _____	
04- Aspectos positivos da nova feira: _____	
05- Se fosse uma decisão sua o que mudaria na feira? E por que?: _____	
06- O barulho na feira atrapalha: <input type="checkbox"/> não atrapalha <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito	
07- Há mau cheiro no local: <input type="checkbox"/> Sim, setor _____ <input type="checkbox"/> Não	
08- Há presença de insetos no local, como ratos, baratas: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
09- Há presença de animais no local: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
10- Já teve problemas em relação a feira (feirantes) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Antes da revitalização	Depois da revitalização. De que tipo o problema: _____
_____	<input type="checkbox"/> Nunca tive problemas

APÊNDICE B – Modelo de questionário aplicado aos Feirantes

Questionário dos consumidores

I. DADOS INDIVÍDUAIS	
01- Nome: _____	Sexo: _____ Idade: _____
02- Menor de 18 anos: Estuda <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Série: _____ <input type="checkbox"/> Não
03- Nível de escolaridade: <input type="checkbox"/> Analfabeto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Ensino Superior	
04- Profissão: _____	
05- Renda familiar:	<input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo; <input type="checkbox"/> Entre 1 e 3 salários <input type="checkbox"/> Entre 4 e 6 salários <input type="checkbox"/> Entre 7 e 9 salários <input type="checkbox"/> Entre 10 e 12 salários <input type="checkbox"/> Mais de 12 salários
06- Residência atual (município/zona (rural ou urbana)/localidade (sítio, fazenda, bairro, etc):	_____
07- Contato (telefone, email etc)	_____
II. PERFIL DO CLIENTE	
01- Porque escolheu comprar na feira:	_____
02- Há quanto tempo compra na feira:	_____
03- Qual produto compra:	<input type="checkbox"/> Laticínios <input type="checkbox"/> Hortifrutí <input type="checkbox"/> Doces <input type="checkbox"/> Eletrônicos <input type="checkbox"/> Brinquedos <input type="checkbox"/> Artesanato <input type="checkbox"/> vestíári <input type="checkbox"/> Animais <input type="checkbox"/> Doces <input type="checkbox"/> Miudezas <input type="checkbox"/> Carne
04- Em média ganha gasta na feira (reais) <input type="checkbox"/> Menos que 100 reais; <input type="checkbox"/> Entre 100 e 200 salários; <input type="checkbox"/> Entre 200 e 400 <input type="checkbox"/> Entre 400 a 800.	
05- Compra em outra feira <input type="checkbox"/> Sim, qual: _____ <input type="checkbox"/> Não	
III. AMBIENTE DA FEIRA	
01- Como considera a nova estrutura da feira <input type="checkbox"/> péssima <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> ótima	
02- Era melhor antes ou agora. Porque:	_____
03- Aspectos negativos da nova feira:	_____
04- Aspectos positivos da nova feira:	_____
05- Se fosse uma decisão sua o que mudaria na feira? E por que?:	_____
06- O barulho na feira atrapalha: <input type="checkbox"/> não atrapalha <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito	
07- Há mau cheiro no local: <input type="checkbox"/> Sim, setor _____ <input type="checkbox"/> Não	
08- Há presença de insetos no local, como ratos, baratas: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
09- Há presença de animais no local: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
10- Já teve problemas em relação a feira (feirantes) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Antes da revitalização <input type="checkbox"/> Depois da revitalização. De que tipo o problema: _____	
	<input type="checkbox"/> Nunca tive problemas

APÊNDICE C – Modelo de questionário aplicado aos moradores do entorno

Questionário dos moradores do entorno

I. DADOS INDIVIDUAIS													
01- Nome: _____	Sexo: _____ Idade: _____ Estado Civil: _____												
02- Rua : _____	nº: _____												
03-Menor de 18 anos: Estuda <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Série: _____	<input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada												
04- Nível de escolaridade: <input type="checkbox"/> Analfabeto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Ensino Superior													
05- Profissão: _____													
06 – Renda familiar:	<table border="0"> <tr> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Menos de 1 salário mínimo:</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Entre 1 e 3 salários</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Entre 4 e 6 salários</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Entre 7 e 9 salários</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Entre 10 e 12 salários</td> <td><input type="checkbox"/></td> <td>Mais de 12 salários</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/>	Menos de 1 salário mínimo:	<input type="checkbox"/>	Entre 1 e 3 salários	<input type="checkbox"/>	Entre 4 e 6 salários	<input type="checkbox"/>	Entre 7 e 9 salários	<input type="checkbox"/>	Entre 10 e 12 salários	<input type="checkbox"/>	Mais de 12 salários
<input type="checkbox"/>	Menos de 1 salário mínimo:	<input type="checkbox"/>	Entre 1 e 3 salários										
<input type="checkbox"/>	Entre 4 e 6 salários	<input type="checkbox"/>	Entre 7 e 9 salários										
<input type="checkbox"/>	Entre 10 e 12 salários	<input type="checkbox"/>	Mais de 12 salários										
07: Contato (telefone, e-mail ou celular): _____													
II. RELAÇÃO COM A FEIRA													
01-Há quanto tempo mora na residência: _____													
02- Deseja mudar de localidade <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Por quê? _____													
03- Frequente a feira: <input type="checkbox"/> Sim, quantas vezes: _____	Adquire os produtos da feira. <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não frequenta												
04-Como considera a nova estrutura da feira <input type="checkbox"/> péssima <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> ótima													
05- Era melhor antes ou agora. <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Por que: _____													
06-Aspectos negativos da nova feira: _____													
07-Aspectos positivos da nova feira: _____													
08- Se fosse uma decisão sua o que mudaria na feira? E por que?: _____													
09- Ao término da Feira: quem limpa a rua: <input type="checkbox"/> Eu mesmo <input type="checkbox"/> Feirantes <input type="checkbox"/> Funcionários da prefeitura <input type="checkbox"/> Ninguém													
10- O barulho na feira atrapalha: <input type="checkbox"/> não atrapalha <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Muito													
11- Há mau cheiro no local: <input type="checkbox"/> Sim, Setor: _____ <input type="checkbox"/> Não													
12- Liga o mau cheiro a presença da Feira: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> Não													
13- Há presença de insetos no local, como ratos, baratas: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não													
14- Liga a presença de vetores a Feira: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não													
15- Há presença de animais no local: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não													
16- Liga a presença de animais no local a existência da feira <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não													
17-Já teve problemas em relação a feira (feirantes) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Antes da revitalização <input type="checkbox"/> Depois da revitalização. De que tipo o problema: _____													
_____	<input type="checkbox"/> Nunca tive problemas												

APÊNDICE D – Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os Consumidores da Feira da Prata

Nome (fictício de desejar): _____ Idade: _____
Residência: _____ Contato: _____

Informações gerais

1. Por quais razões passou a frequentar a feira da Prata?
2. Lembra como era o local, a senhora poderia descrever?
3. Desde que frequenta a Feira da Prata, quais foram as principais mudanças que houve por aqui ?
4. Quando eu falo: Feira da Prata, o que vêm na sua memória ?

Informações conceituais

1. Para você como é que deve ser uma feira ?
2. Como entende qualidade de vida?
3. Qual a diferença entre um ambiente saudável de um de risco a saúde?

Relação entre estrutura e qualidade de vida

1. Relação entre estrutura e a qualidade de vida
2. Como considera a Feira da Prata antes da reforma?
3. Como considera a Feira da Prata depois da reforma?
4. Que aspectos foram modificados aí na Feira da Prata que interferiram na qualidade de vida do ambiente? Que melhoraram ou que pioraram?
5. Em sua opinião que elementos fazem da feira da Prata, um ambiente saudável antes da reforma?
6. Em sua opinião que elementos fazem da feira da Prata, um ambiente saudável depois da reforma?
7. Que fatores que promovam a saúde a senhora identifica hoje na Feira da Prata?
8. Observou alguma modificação no ambiente como um todo ?
9. Quais são os problemas que enfrenta, por estar morando tão perto da Feira da Prata?
10. Na sua opinião que aspectos da feira da prata podem causar algum problema para quem trabalha , como para quem vai lá consumir

Relação com a feira

1. Para você o que significa circular na Feira da Prata ?
2. Desde que começou a frequentar a Feira , houve algum acontecimento que a senhora viu, presenciou ou ficou marcado na sua memória ?
3. O que te faz ainda frequentar a feira da prata ?

APÊNDICE E – Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os Feirantes da Feira da Prata

Nome (fictício de desejar): _____ Idade: _____
 Residência: _____ Contato: _____

Informações gerais

1. Quando e em que circunstâncias o (a) senhor (a) passou a comercializar na Feira da Prata?
2. Desde que começou a comercializar na Feira da Prata, quais foram as principais mudanças?

Informações conceituais

1. Como entende qualidade de vida?
2. Para você, como deve ser uma feira?
3. Para você como diferenciar uma ambiente saudável de um ambiente de risco?

Relação entre estrutura e qualidade de vida

1. Antes da nova estrutura como era a Feira da Prata?
2. Como o(a) senhor (a) considera a Feira da Prata antes da reforma e depois da reforma?
3. Quais aspectos foram modificados que interferiram na qualidade de vida e do ambiente?
4. Que elementos fazem da Feira da Prata um ambiente saudável e de risco antes da reforma? E depois da reforma de 2009?
5. Na sua opinião que aspectos da feira da Prata podem causar algum tipo de problema às pessoas que trabalham e circulam neste local?

Relação com a feira

1. Quando você pensa na feira da Prata, o que vem a sua memória?
2. Em termos de qualidade de vida o que a feira da Prata tem fornecido a (o) senhor (a) enquanto Feirante?
3. Desde que começou a trabalhar na Feira da Prata, o (a) senhor (a) fez alguma modificação na sua forma de trabalhar sob orientação da prefeitura?
4. Para o(a) senhor(a), como está sendo trabalhar nesta Feira?
5. Houve algum acontecimento que foi marcante desde que começou a trabalhar neste local?
6. O que faz com que o senhor continue a trabalhar todos os dias? (não considerando os fatores relacionados à sobrevivência).

APÊNDICE F - Modelo do Roteiro de entrevista realizada com os moradores do entorno da Feira da Prata

Nome (fictício de desejar): _____ Idade: _____
Residência: _____ Contato: _____

Informações gerais

5. Por quais razões passou a morar perto da feira da Prata?
6. Assim que veio morar aqui, lembra como era o local, a senhora poderia descrever?
7. Desde que passou a morar perto da Feira da Prata, quais foram as principais mudanças que houve por aqui ?

Informações conceituais

4. Para você como é que deve ser uma feira ?
5. Como entende qualidade de vida?
6. Qual a diferença entre um ambiente saudável de um de risco a saúde?

Relação entre estrutura e qualidade de vida

11. Como considera a Feira da Prata antes da reforma?
12. Como considera a Feira da Prata depois da reforma?
13. Que aspectos foram modificados aí na Feira da Prata que interferiram na qualidade de vida do ambiente? Que melhoraram ou que pioraram?
14. Em sua opinião que elementos fazem da feira da Prata, um ambiente saudável antes da reforma?
15. Em sua opinião que elementos fazem da feira da Prata, um ambiente saudável depois da reforma?
16. Que fatores que promovam a saúde a senhora identifica hoje na Feira da Prata?
17. Observou alguma modificação no ambiente como um todo ?
18. Quais são os problemas que enfrenta, por estar morando tão perto da Feira da Prata?
19. Na sua opinião que aspetos da feira da prata podem causar algum problema para quem trabalha , como para quem vai lá consumir

Relação com a feira

4. o que significa morar de frente para uma Feira e mais especificamente morar perto da Feira da Prata?
5. Desde que começou a morar perto da Feria , houve algum acontecimento que a senhora viu, presenciou eu ficou marcado na sua memória ?
6. O que te faz morar perto da Feira da Prata, você também a frequenta ?

9. ANEXOS

ANEXO A – Termo de compromisso e livre esclarecido

Universidade Federal de Campina Grande

HUAC - Hospital Universitário Alcides Carneiro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Modelo padrão

ESTUDO: Modificação na paisagem e qualidade de vida: estudo de caso na Feira da Prata em Campina Grande.

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão _____, residente e domiciliado na _____, portador da cédula de identidade (RG) _____, e inscrito no CPF/MF _____, nascido(a) em ____/____/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**Modificação na paisagem e qualidade de vida: estudo de caso na Feira da Prata em Campina Grande - PB**”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim

apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que se possa analisar a modificação na paisagem da Feira da Prata em Campina Grande – PB e suas conseqüências na qualidade dos que a vivenciam;
- II) A participação neste projeto não tem objetivo de me submeter a um tratamento, nem denegrir minha imagem ou a área que está sob minha responsabilidade; Como procedimento inicial será realizado um trabalho de campo para a aplicação de questionários juntos aos feirantes, consumidores e moradores do entorno da Feira da Prata. Os procedimentos de campo serão os seguintes: a) aplicação de questionário individual; b) registro fotográfico por parte do pesquisador dos elementos da Feira da Prata que possam causar problemas ou promover a saúde da população. A segunda parte da pesquisa será a realização de entrevista individual com dois representantes de cada grupo (feirantes, consumidores e moradores do entorno) para saber qual a relação da nova estrutura e a sua interferência na qualidade de vida desses sujeitos, como também serão requeridas fotografias antigas da localidade, e que se faça dois mapas mentais um antes da requalificação da Feira o outro após a requalificação da feira. A terceira etapa consistirá em visitas ao local para execução de diagnóstico ambiental para o registro de fotográfico quanto para a realização de anotações em caderno de campo para produção do diagnóstico ambiental final através da materialização em mapas de risco, prevenção e promoção a saúde;
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- V) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- VI) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

—— () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VII) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande, de de 2012

() Sujeito pesquisado:.....

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

Responsável pelo Projeto: _____

Profª. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira, Geógrafa, Matrícula SIAPE:
1.770.617

Telefone para contato: 83. 8867-1278 ou 2101 - 1722